



1ª MOSTRA
SOCIOAGROBIO
DIVERSIDADE



Copyright © 2023 Scheila Santiago (org.)

Consultoria: Alessandro Rifan

Co-autoria: Aya Nala, Alessandro Rifan e Gustavo Melo

Consultoria para publicação impressa: Márcia Lobosco

Capa: In Media Res Editora

Arte da capa: Wellington Wanderosfky

Diagramação: Kiki Gurjão

Fotos: Regina Lo Bianco

Revisão: Ana Beatriz Manier

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S958s

Santiago, Scheila

1ª Mostra Socioagrobio Diversidade / Nova Friburgo - RJ

In Media Res, 2023

p.124

ISBN: 978-65-88094-11-2

1. Meio ambiente 2. Biodiversidade 3. Agricultura I. Título

CDD: 597

Todos os direitos desta edição reservados a:
Educatoris Instituto de Educação Multidisciplinar Ltda
Rua Abdo Abi-Ramia, 81
28630-090 - Nova Friburgo - RJ
www.inmediares.com.br



Sumário

O Projeto – Scheila Santiago.....	07
Concepção da ideia – Alessandro Rifan	11
Projeto de Extensão Universitária – Gustavo Melo ..	19
Apresentação – Márcia Lobosco.....	23
1ª Edição Temática: Agroecologia e Orgânicos.....	25
2ª Edição Temática: Plantas aromáticas e Ervas medicinais.....	41
3ª Edição Temática: Arte, Educação e Cultura	55
4ª Edição Temática: Alimentação e Saúde	65
5ª Edição Temática: Paisagens, Águas e Florestas...	75
6ª Edição Temática: Luta pela Terra	85

O Projeto

A 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE em Nova Friburgo/RJ foi um desafio, mas também uma expressiva contribuição para revermos as nossas escolhas. Assim como planejado, realizamos 06 edições temáticas: Agroecologia e Orgânicos (fevereiro), Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais (março), Arte, Educação e Cultura (abril), Alimentação e Saúde (maio), Paisagens, Águas e Florestas (junho), e Luta pela Terra (julho), cada uma delas com a Feira Biocultural, por meio de Chamada Pública; Exposição Fotográfica; Roda de Conversa; Ação de Extensão para a publicação deste livro; Oficina Socioeducativa e apresentação de Expressão Cultural.

O projeto teve como objetivo exibir, socializar e documentar conhecimentos e produções construídas a partir da interrelação entre a diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais da cadeia socioprodutiva da socioagrobiodiversidade regional.

O resultado foi a participação de 102 agentes/expositores locais/regionais; 40 iniciativas que disponibilizaram, de seus acervos particulares, fotografias para a Exposição Fotográfica; 06 Oficinas Socioeducativas que contaram com 10icineiros que compartilharam seus saberes; 06 apresentações de Expressão Cultural com a participação direta de aproximadamente 90 artistas; e 24 colaboradores para as Rodas de Conversas. Prestigiou o evento um público contabilizado em 3.221 pessoas vindas de: Nova Friburgo, Duas Barras, Macaé, Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Trajano de Moraes, Mendes, Niterói, Bom Jardim, Saquarema, Teresópolis,

Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Cordeiro, Rio de Janeiro, São Paulo e uma pequena parcela de estrangeiros. Importante ressaltar que mais de 90% dos prestadores de serviços para a realização da Mostra foram de Nova Friburgo e 10% de cidades da região.

A 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, realizada por Na Rede com Scheila, contou com o patrocínio da ENERGISA; do Governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura; e com o apoio da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, que cedeu o espaço da Usina Cultural, onde foram realizadas todas as edições. Também tivemos ricas parcerias: UFRJ - Universidade Federal do Rio De Janeiro (Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH / Instituto de Psicologia - IP / Diretoria Adjunta de Extensão - DAEXT); RPPN Reserva Ecológica Rio Bonito de Lumiar- Rebio; Projeto Takakurando; Organokits - Clube do Humus; Reciclotrom - Startup de Impacto Socioambiental; e Instituto Araticum; aos quais agradecemos por toda a dedicação para que o propósito do evento fosse alcançado.

Deixo aqui registrados alguns agradecimentos especiais: à Elizabeth Maldonado (Coordenadora da Usina Cultural em 2016), que plantou a sementinha para desenvolvermos esse projeto (na ocasião, realizamos a Feira da Sociobiodiversidade com duração de três anos - o primeiro ano na Usina Cultural de Nova Friburgo e, nos outros dois anos, de forma itinerante em espaços públicos e privados na cidade de Nova Friburgo/RJ); à Delania A. Cavalcante (atual Coordenadora de Investi-

mento Social da ENERGISA e responsável pela FCOJB) e à Vivian C. Inacio (atual Gerente de Sustentabilidade da ENERGISA), que acolheram a 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE.

Há muito caminho a ser percorrido, sem dúvida! Mas, juntos, conseguiremos criar redes com bases sustentáveis. Para isso precisamos estar atentos às nossas escolhas diárias!

Viva a SocioAgroBioDiversidade!

Scheila L. Santiago
Na Rede com Scheila
Realização, Produção Executiva e Gestão

Concepção da ideia

A Região Serrana no Estado do Rio de Janeiro é composta de rica biodiversidade e possui significativo valor no que se refere à inter-relação humana com os componentes do bioma Mata Atlântica. A formação histórica desse território ocorre por influência dos povos tradicionais, dos novos 'agentes modeladores'¹, através de tecnologias e saberes face à natureza. Coexistem nesses ambientes diversificados modelos e arranjos socioagroprodutivos a partir da ocupação num vasto relevo altiplano, caracterizado por espaços e usos heterogêneos, sob o ponto de vista geográfico de dinamização socioespacial, de historicidade reconstruída e de relações socioambientais. Dessa relação entre pessoas, grupos sociais e um território com alto grau de singularidade agroecossistêmica – ambiente de Montanha –, observa-se um processo de iniciativas e experiências por usos contemporâneos, reapropriações e/ou ressignificações socioculturais e ambientais.

No ano de 2016, por convite da representante da Usina Cultural Energisa à época, Elizabeth Maldonado, estruturei uma proposta de evento tendo como base a noção de Sociobiodiversidade, ministrando três oficinas participativas para a elaboração de um "Mapa Falado", com a intenção de identificar e mapear potencialidades no campo da cadeia socioagroprodutiva de base sustentável na Região Norte Serrana do Estado. A experiência rendeu frutos e, na ocasião, foram iden-

¹ Considerados pelos autores (BRANDENBURG, 2010; CARNEIRO et al, 2010) como sujeitos ativos que se apropriam e modelam o território sobre novos parâmetros de organização, produção, e face aos recursos singulares disponíveis.

tificados diversos expositores e iniciativas associadas ao tema, assim como foram promovidos debates, reflexões e definidos princípios e proposições para a formação de uma “Feira da Sociobiodiversidade”, que foi realizada por um período de três anos na cidade de Nova Friburgo/RJ.

Pautados por esta primeira experiência, escrevemos e inscrevemos o Projeto 1ª MOSTRA DA SOCIO-AGROBIODIVERSIDADE na Lei Estadual de Incentivo à Cultural, aprovado em 2022 e implementado este ano (2023), com um formato misto de evento vitrine-simpósio, abrangente regionalmente, dinâmico e transversal, que se destinou a exibir, sociabilizar e registrar conhecimentos e produções construídas a partir da inter-relação entre a diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais. A Mostra foi planejada pelos estudos, reflexões e vivências que também tive ao longo de minha trajetória profissional e pessoal, observando a existência de vocações e potencialidades sob a óptica da presença de empreendimentos ‘socio-agroprodutivos’ de bases sustentáveis, caracterizados socioeconomicamente por pluriatividades². Portanto, a concepção se estruturou a partir do papel denominado aqui como ‘agentes modeladores’, na perspectiva de ressignificação territorial, detectando a existência de uma identidade que se conecta com estes espaços e estas culturas, e que subsidia a promoção de um desenvolvimento através de contextos agroecossistê-

² O aspecto das pluriatividades presente, caracterizado por vários autores (COSTA NETO, 2010; SACCO DOS ANJOS, 2001; CARNEIRO, 1999), se evidencia na perspectiva de formação de novas vocações regionais, na medida em que há troca entre valores urbanos e rurais, apresentando um *modus vivendi* próprio, responsáveis por dinamizar os espaços e a dotá-los de atratividades.

nicos próprios do ambiente de Montanha. Princípios, oportunidades e alinhamentos às políticas públicas socioambientais corroboraram com a proposição, na perspectiva do fomento à cadeia da Socioagrobiodiversidade, e de seus valores relacionados à Multiculturalidade Montana.

A Mostra foi estruturada e se desenvolveu por meio da realização de seis encontros presenciais, com acesso gratuito, no espaço da Usina Cultural em Nova Friburgo/RJ, definidos por Edições Temáticas: Agroecologia e Orgânicos; Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais; Arte, Educação e Cultura; Alimentação e Saúde; Paisagens, Águas e Florestas; e Luta pela Terra. Cada edição foi organizada conceitualmente em uma exposição dinâmica de expressões e experiências, em um ambiente cultural, sociopolítico e ambiental, sendo pensada estrategicamente a partir de Atividades Programáticas, num total de 10 horas em cada dia: Feira Biocultural; Roda de Conversa; Oficina Socioeducativa; Expressão Cultural; Ação de Extensão; e Exposição Fotográfica. Cada uma teve seu espaço físico independente, para atribuir sentido à proposta ideológica, e se utilizou de ferramentas metodológicas de base sociocultural-educativa.

Os eventos contaram com a atuação de um público plural e diversificado, representado por visitantes, consumidores e ‘agentes modeladores’, que atuam ou buscam se envolver na cadeia da Socioagrobiodiversidade (expositores, oficinairos, palestrantes, artistas, fotógrafos, parceiros colaboradores, entre outros). A participação direta e/ou indireta envolveu diversificados perfis sociais e/ou profissionais, tais como:

produtores, gestores, empreendedores, agricultores familiares, neorurais, lideranças comunitárias, educadores, estudantes, pesquisadores, artistas, artesãos, meliponicultores, agrofloresteiros, permacultores, montanhistas, agentes de turismo, representantes de movimentos culturais e/ou sociais, integrantes de instituições socioambientais, entre outros.

As edições foram protagonizadas pelos “agentes modeladores” que hoje ilustram uma nova expressão identitária, que se instalaram em “nichos de localidade”³ com base em ideologias alicerçadas em iniciativas multifuncionais “ecologicamente e culturalmente definidas”, contrapondo-se a padrões globalizados e hegemônicos de produção. Foi promovida uma sucessão de experiências interconectadas em estratégias ativas, interativas e integradas, gerando benefícios e as dotando de dinamização socioespacial por meio de suas singularidades. De forma expoente, foi disponibilizada ao público a noção existencial de uma identidade agroecossistêmicamontana, com base em modelos socioagroprodutivos sustentáveis, pautados por processos que envolvem sensibilização, ação pedagógica, pesquisa, manejo, produção, beneficiamento e/ou comercialização de produtos, bens e/ou serviços.

O papel de articulação junto aos agentes, parceiros e colaboradores, como mecanismo de comprometimento e efetivo envolvimento na participação, se tornou meta desafiadora. Para alcançar o propósito (o de conectar em um eixo estruturante inúmeros agentes e

3 Noção de territorialização recriada (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2004) que resgata a ideia de localidade como dimensão socioespacial ressignificada e apropriada, estabelecida por novos traços de ocupação com inovadoras funções e atividades.

suas diversificadas experiências) foi preciso empenho e confiabilidade mútua. O “fio de condução” foi imprescindível para disponibilizar ao público mais de uma centena de experiências presentes em cerca de dez municípios na região foco de abrangência do projeto.

As estratégias de realização, pensadas por meio das atividades programáticas, geraram oportunidades de promoção, formação, vivências, intercâmbios, partilhas, comercialização, ideias e disseminação de conhecimentos, demonstrando que as motivações e vocações elencadas no escopo do projeto foram contempladas na Mostra. Os diálogos abrangentes e reflexões em torno de uma inter-relação entre os agentes protagonistas, seus coletivos e seus modos contemporâneos de ‘experienciar’ o ambiente, se pautaram nas trocas integrativas em seus lugares sociopolíticos; na perspectiva de suas limitações, demandas e potencialidades comuns frente ao território socioambiental em formação.

As apresentações culturais e artísticas, a cenografia temática e a exposição fotográfica, imprimiram ao evento o tom estético, criativo e festivo, e, como espaços de impressões e expressões, apresentaram ao público presente os valores, a identidade e o multiculturalismo sincrético regional. Os espetáculos e o acervo fotográfico multidiverso reunidos que envolveram comunidades, cultura e biodiversidade, foram representados por imagens e manifestações sobre a natureza, ecossistemas, fauna, flora e suas paisagens, modos e práticas socioagroprodutivas sustentáveis, manifestações, costumes e culturas tradicionais, ruralidades, ofícios, simbolismos e saberes.

Desse modo, a realização desse projeto representa um legado a partir da disseminação de uma visão

de cultura, especialmente pelo papel dos "agentes modeladores", e pela perspectiva que uniu e delineou iniciativas, ações, oportunidades e estratégias sobre processos e arranjos socioagroprodutivos, a princípio vistos como segmentados, dando-lhes concretude, reforçando seu lugar de existência – o de requalificação territorial, fala, intensificação coletiva e de valorização no campo sociopolítico e ambiental.

Alessandro Rifan
Consultoria e Coordenação

Referências Bibliográficas:

- ANJOS, Flávio Sacco dos. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, Outubro, 2001, número 17, p.64-80.
- BRANDEMBURG, A.: Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental. **Ambiente & Sociedade**, Campinas v. XIII, n. 2, p. 417-428, jul.-dez. 2010.
- CARNEIRO, Maria José. Agricultores Familiares e Pluriatividade: tipologias e políticas. In: COSTA, Luiz Flávio de Carvalho, BRUNO, Regina e MOREIRA, Roberto José (orgs.). **Mundo Rural e Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.323-349.
- CARNEIRO, M. J.; BERTOLINO, F. A.; BERTOLINO, L. C.: **Agricultores e território: práticas e saberes**. Rio de Janeiro: Trasso Comunicação/CNPq/Faperj, 2010.

- COSTA NETO, Canrobert. **Territórios Campone- ses: lugares, fluxos e redes**. In: Regina Bruno et alli. *Coletânea CPDA*. Rio de Janeiro. EDUR, 2010 (no prelo).
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. R.J. Bertrand Brasil, 2004.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

Projeto de Extensão Universitária

Promover a interação transformadora entre as Universidades e os diversos setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação de conhecimentos acadêmicos em articulação com os saberes não acadêmicos, tendo como perspectiva temas contemporâneos que exigem uma reflexão permanente de todos nós, representa um compromisso central das atividades denominadas como *Extensão Universitária*. É neste contexto que se estabelece a presente parceria, entre a 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE e o Programa de Extensão Saberes e Ocupações Tradicionais, atividade de caráter interdisciplinar, que ocorre no âmbito do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

A Extensão Universitária se integra à matriz acadêmico-curricular através de processos interdisciplinares, político-educacionais, culturais, científicos e tecnológicos. Nesse sentido, destacam-se as diretrizes de interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade, por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas sobre diversos contextos sociais.

Um dos objetivos do Programa de Extensão Saberes e Ocupações Tradicionais é o de possibilitar uma visão integrada de ações de extensão universitária sobre a temática de povos e comunidades e suas relações com seus territórios. Assim, considerando a importância das atividades de encontro e escuta sensível, de narrativas e registro de memórias, de fomento para a realização de rodas de conversa, apoio em processos de inclusão

social e produtiva, de economia solidária e criativa, é que se materializa esta parceria.

Neste caso, nossa atenção se voltou para o apoio direto aos diálogos com as iniciativas atuantes nos territórios da Região Serrana, à sensibilização e mobilização dos seus interlocutores sobre a importância das informações sobre cada iniciativa presente na Mostra, à elaboração de instrumentos de coleta de informações e interação dialógica, à realização das Rodas de Conversa, assim como para o registro, sistematização e produção de memórias sobre cada uma das seis Rodas de Conversa realizadas.

Os debates registrados nesta publicação, a partir das interações dialógicas ocorridas nas Rodas de Conversa, apontam para a importância de continuidade no investimento social sobre a sociobiodiversidade na Região Serrana. Os temas são de abordagem complexa, e entendemos que o que aqui se apresenta traz diversas pistas para o aprofundamento destes debates em outras instâncias de organização e de políticas públicas, contribuindo para a implementação de ações aplicadas no sentido da transformação social, a partir das noções de Sustentabilidade e Bem Viver.

De forma complementar, a descrição das iniciativas, com a caracterização de cada uma delas, de forma qualitativa, permite que possamos ter uma visão ampla do território, considerando seus usos físicos e sociais, com apontamentos bastante evidentes de caminhos para a formação de redes capazes de sustentar práticas comprometidas com a sociobiodiversidade.

Desejamos uma excelente leitura deste livro que é, pra todos nós do Programa de Extensão Saberes e

Ocupações Tradicionais, uma forma de visibilizar ainda mais as iniciativas e as experiências sociobiodiversas, que representam uma ação comunitária, mesmo que nem todas as pessoas interlocutoras destas ações se conheçam ainda entre si, e nem mesmo se reconheçam como coletivo ou comunidade.

Que este possa ser mais um passo nesta longa trilha para a transformação social e para o fortalecimento de processos organizativos, reafirmando que as ações de Extensão Universitária sejam de fato processos em que se estabelecem as inter-relações entre as universidades e demais setores da sociedade, com foco na construção de alianças intersetoriais e intraorganizacionais.

Gustavo Mendes de Melo
Departamento de Psicologia Social -
Instituto de Psicologia da UFRJ
Programa ECIOS da Pós-graduação - EICOS/IP/UFRJ
Coordenador do Programa de Extensão Saberes
e Ocupações Tradicionais



Alessandro Rifan, Gustavo Melo e Alan Cintra Prascidelli

Apresentação

A presente obra está organizada a partir dos temas geradores de cada edição temática da 1ª MOSTRA DA SOCIOBIOAGRODIVERSIDADE. Há breve apresentação de expositores da Feira Biocultural que responderam ao formulário proposto pela organização e, em seguida, um relato sucinto dos assuntos discutidos nas Rodas de Conversa.

Os expositores-comerciantes de Nova Friburgo e região foram selecionados por meio de Chamada Pública para exposição na Feira Biocultural que recebeu até 20 estandes por edição. Cada interessado teve seu espaço disponibilizado gratuitamente, conforme setorização definida pela equipe executiva, e foi convidado a preencher um formulário para captação de dados sobre seu produto e/ou serviço e criação de rede de negócios.

A Roda de Conversa constituiu-se num debate de ideias com agentes locais e/ou regionais reconhecidos da Socioagrobiodiversidade, proporcionando discussões, interação e troca de saberes com os participantes presentes, sempre dentro do eixo temático de cada edição.

Nesta publicação de relato-memória consta um pequeno registro fotográfico das atividades/ações da 1ª MOSTRA DE SOCIOAGROBIOBODIVERSIDADE: Oficinas Socioeducativas, que abriram cada edição; Expressões Culturais, que fecharam cada uma delas; Exposições Fotográficas, Rodas de Conversas e Feira Biocultural.

Além das fotos que foram selecionadas para compor ilustrativamente o material, há um grande acervo fotográfico disponível nas redes sociais da Mostra.

Márcia Lobosco
Consultoria para Publicação Impressa

1ª Edição Temática: Agroecologia e Orgânicos

Com o tema Agroecologia e Orgânicos, a 1ª edição da MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, ocorrida no sábado, 11 de fevereiro de 2023, apresentou abordagens voltadas à produção agrícola e/ou de outros produtos *in natura* e/ou beneficiados/processados (agroindustriais), de base sustentável ou que se utilizem de boas práticas em conservação ambiental. Como subtemas correlacionados, destacamos: produções alimentícias agroecológicas/orgânicas; produtos agroalimentares e/ou de extrativismo manejado, com vínculos ao bioma Mata Atlântica, agricultura familiar de base tradicional; trocas de sementes; uso de técnicas sustentáveis/boas práticas – adubação verde, sistemas agroflorestais (Saf's), plantios diretos, compostagem, minhocário; processos de certificações participativas; saberes, tecnologias sociais.

EXPOSITORES



APIÁRIO DO CHINÊS: está localizado em Campo do Coelho/Nova Friburgo, em propriedade privada no ambiente rural e tem como principal atividade a produção de mel, incluindo-se no segmento de Agroecologia e Orgânicos. A técnica utilizada é a da agrofloresta e sua estratégia de comercialização é a venda direta/sacola virtual, em processo organizativo de associativismo ou cooperativismo.

CARPE PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS (PROJETO MÃE D'ÁGUA): fica em Itaipava/Petrópolis, em propriedade privada, em ambiente de transição urbano-rural. No segmento de Agroecologia e Orgânicos, tem como principal atividade a Agricultura Sintrópica. Trata-se de uma implementação de sistemas agroflorestais com diversos focos produtivos, como alimentação, madeira sustentável, plantas medicinais e aromáticas e reprodução de sementes crioulas. Dentre as técnicas utilizadas estão agricultura sintrópica, agrofloresta, reflorestamento e uso de tecnologias sociais e ou ancestrais. Seu processo organizativo é o de protagonismo juvenil, com metodologia de mutirões. Nessa iniciativa, há diversos temas associados: Agroecologia, Orgânicos, Conservação Ambiental, Saúde Cultural Socioeducativa, Luta Social, Luta Ambiental, Turismo Rural e Educação.

CHÁCARA SÃO JORGE: localiza-se em ambiente rural, em Benfica - São Pedro da Serra/Nova Friburgo. Sua principal atividade é a produção agroecológica, em propriedade privada, no segmento: Agroecologia e Orgânicos. As técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em organização de mutirões e

comercialização em feira, em processo organizativo de associativismo ou cooperativismo. Há atenção quanto à segurança alimentar; respeito à sazonalidade; uso de PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais); reconhecimento identitário cultural.

CHALÉ AGROECOLÓGICO: fica no município de Itaboraí, em ambiente de transição urbano-rural. Suas principais atividades são agroecologia urbana, cultura alimentar de base comunitária, cultivo e multiplicação de sementes crioulas, no segmento de Agroecologia e Orgânicos. Trata-se de uma iniciativa que busca o fortalecimento da soberania e segurança alimentar, através de ações de agroecologia urbana (cultivo e uso de PANCs, intercâmbio com outros agricultores para aquisição, plantio e multiplicação de sementes crioulas). A técnica utilizada é agroecologia urbana, em intercâmbio com experiências parecidas, em processo organizativo de iniciativa cultural e estratégia de comercialização de economia solidária.

FAZENDA MONTE CRISTO AGROFLORESTAL: situa-se em propriedade privada na localidade de Dr. Elias, Monte Café, zona rural de Trajano de Moraes/RJ. A sua principal atividade é a produção agroecológica, no segmento: Agroecologia e Orgânicos. A diversidade da produção se destaca por oferecer, além de alimentos *in natura*, outros subprodutos semiprocessados, tais como: pães, geleias, conservas, pestos, ricotas, entre outros; vendidos de maneira direta/sacola virtual. Atuam também com o segmento de formação e capacitação, em que são oferecidos assessoria e serviços técnicos através de unidades demonstrativas em campo.

GELEIAS DO JARDIM: situa-se em uma chácara de residência unifamiliar no centro de Nova Friburgo/RJ. Trata-se de uma iniciativa de produção de geleias caseiras sem conservantes, do segmento Agroecologia e Orgânicos, que resgata a utilização das frutas nativas da Mata Atlântica, como a pitanga, a grumixama, a uvaia, entre outras espécies. Sua produção é sazonal, conforme as espécies disponíveis à época, seu rótulo exclusivo é pintado em aquarela pelo produtor-artista, e sua comercialização é direta.

INSTITUTO ARATICUM: localiza-se no Cascatinha/ Nova Friburgo, em ambiente rural. Suas principais atividades são reflorestamento com produção de alimentos e produção cultural. O modo de uso da terra é o de assentamentos da reforma agrária e unidades de conservação (áreas protegidas). Trata-se de um espaço de modelo de autossuficiência e soberania alimentar, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Arte, Educação e Cultura; Luta pela Terra; Paisagens, Águas e Florestas; uso de PANCs e outras práticas. É um instituto socioambiental que visa recuperar o modo de vida coletivo com plantio de alimentos e regeneração de áreas degradadas em um fragmento da Mata Atlântica, para o bem viver coletivo. Na sua metodologia de organização estão presentes intercâmbio com experiências parecidas, mutirões, oficinas, partilha, rodas de capacitação e voluntariado. Sua estratégia de comercialização é a agregação de valor, e o processo organizativo, ainda em elaboração, é o cooperativismo.

JUSSARA MAGRELA: localiza-se em ambiente rural na estrada Friburgo-Teresópolis e, em modo de uso da

terra no regime de comodato, tem como principal atividade a agricultura, no segmento de Agroecologia e orgânicos; Alimentação e saúde. As técnicas utilizadas são variadas: adubação, agrofloresta, compostagem, reciclagem/reaproveitamento, reflorestamento e uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, bem como as estratégias de comercialização.

ORGÂNICOS MILLER: tem perfil na agricultura, sendo desenvolvida no Sítio da Pedra Solta, Três Picos/ Nova Friburgo, em ambiente rural. As principais atividades desenvolvidas são a produção de hortaliças, tendo ligação com a mostra através do segmento Agroecologia e Orgânicos. A produção de hortaliças é certificada pela ABIO, sendo utilizadas técnicas de compostagem e metodologias de oficinas para a produção. Para a comercialização, a iniciativa se identifica com os valores do comércio justo. Os produtos são comercializados para alimentação escolar e a iniciativa está associada com a temática do uso de PANCs. A organização social tem como base o associativismo e cooperativismo.

ORGÂNICOS REFÚGIO TRÊS PICOS: está situado em Três Picos/Nova Friburgo, em ambiente rural, tendo como principais atividades hospedagem, restaurante e orgânico, em propriedade privada, no segmento: Agroecologia e Orgânicos. Produz alimentos com saúde, cuidando e respeitando o meio ambiente, utilizando-se de técnica de compostagem, com metodologia de organização de mutirões e estratégia de comercialização de coparcerias, praticando a inclusão socioambiental.

PALHOÇA: está localizada em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente urbano-rural e suas principais atividades são compostagem, produção de mudas, beneficiamento da produção agrícola, venda de composteiras, em modo produção privada, no segmento da Agroecologia e Orgânicos. Usa a técnica da compostagem, incentivando a prática doméstica e vínculos socioafetivos com o território e/ou com a comunidade; sua estratégia de comercialização ainda está em elaboração e há o intuito de se trabalhar em formato de cooperativa.

PEDRA AGUDA: fica em Campo Belo/Bom Jardim, em ambiente rural. Tem como principal atividade a desidratação de alimentos, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Alimentação e Saúde. A técnica utilizada é a compostagem para produção de alimentos saudáveis. Organiza-se através de parceiros temporários e sua estratégia de comercialização é agregação de valor, num processo organizativo de inclusão socioambiental.

RESERVA AGROECOLÓGICA IRI: situa-se em São Pedro da Serra/Nova Friburgo, em ambiente rural e tem como principais atividades: produção de temperos à base de alho germinado em hidroponia, alho negro e outros produtos com especiarias cultivadas no local, em propriedade privada no segmento de Agroecologia e Orgânicos. A técnica utilizada é adubação e a metodologia de organização é o intercâmbio com experiências parecidas, num processo de inclusão socioambiental, com respeito à sazonalidade/adaptabilidade, praticando comércio justo.

SABIÁ UNA AGROECOLOGIA: está em Salinas, Campo do Coelho/Nova Friburgo, em ambiente rural. As principais atividades são meliponicultura, apicultura e agrofloresta, em propriedade privada e unidades de conservação (áreas protegidas), no segmento de Agroecologia e Orgânicos. Trata-se de produção de alimentos, medicinas e cosméticos à base de produtos oriundos das abelhas, utilizando-se da técnica de agrofloresta, com metodologia de mutirões e estratégia de comercialização de agregação de valor, em parcerias com outros produtores orgânicos.

SÍTIO ECO EMBAÚBA: situa-se em propriedade privada na região de baixada de Salinas, Distrito do Campo do Coelho, Nova Friburgo/RJ. Seu jovem produtor, egresso do Colégio Rei Alberto I (Ibelga) está no segmento Agroecologia e Orgânicos. A técnica em processo de produção familiar utilizada é a da agrofloresta/orgânicos e sua estratégia de comercialização é a venda direta.

TAL PERMACULTURA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: se encontra em ambiente periurbano, no sítio Campo da Luz na Granja Spinelli, Nova Friburgo/RJ. Trata-se de uma empresa familiar de produção, assessoria e serviços em agroecologia e permacultura, que se enquadra no segmento: Agroecologia e Orgânicos. Na sua metodologia de organização e formação estão presentes intercâmbios, mutirões, partilha e oficinas de capacitação. A estratégia de comercialização é a venda direta/sacola virtual, através do Clube Serra Agroecológica (CSA).

RODA DE CONVERSA

Mediação - Nina Celli Ramos – Bióloga
Guilherme Erthal - Engenheiro Agrônomo
Maycon Miler - Orgânicos Miller
Tomé Lima - Tal Permacultura



A primeira edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGRO-BIODIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, teve como tema "Agroecologia e Orgânicos". Nela, diversas iniciativas agroecológicas e de produção orgânica da região se juntaram para vivenciar uma experiência de articulação, divulgação e fomento das iniciativas presentes, a partir do tema proposto nesta edição da Mostra.

A Roda de Conversa foi uma forma de promover o diálogo sobre o tema "Agroecologia e Orgânicos" considerando três eixos de análise principais: as características endógenas das iniciativas da região de montanha; a possibilidade de criação e fortalecimento de redes colaborativas de socioagrobiodiversidade nessa região; e o papel das políticas públicas nas respostas aos desafios enfrentados pelos grupos presentes.

Os palestrantes apresentaram suas iniciativas, distintas entre si, tendo em comum a atenção no manejo da terra, da fauna, da flora e uma produção cuidadosa do ponto de vista socioambiental, incluindo as relações de trabalho em toda a cadeia produtiva, oferecendo, ao final, um produto de qualidade.

Após as apresentações dos convidados, logo de início, um participante da Roda trouxe uma memória importante para a região de Nova Friburgo: a tragédia socioambiental que atingiu a Região Serrana no ano de 2011, com fortes chuvas, enchentes e deslizamentos na madrugada de 11 para 12 de janeiro. Tal evento deixou quase mil pessoas mortas e chegou a ser classificado como uma das maiores tragédias climáticas da história do Brasil.

A partir dessa lembrança, um morador de Nova Friburgo relembrou o fato de que, pouco antes da tragédia acontecer, os pombos da praça central da cidade migraram, retornando apenas quando o evento já tinha passado. Essa fala evidenciou certo tipo de dificuldade de a sociedade interpretar os sinais, apresentados por outros seres vivos, com relação às alterações mais bruscas no ambiente: *"Nós perdemos tanto a nossa referência da natureza, que a gente esquece o sinal que a natureza nos dá de que alguma coisa vai acontecer"* (frase do morador).

A partir dessa reflexão inicial, outras questões foram trazidas pelos integrantes da Roda sobre os distintos papéis de diferentes agentes nas questões socioambientais vivenciadas pelos grupos, sejam agentes do Estado, sejam as famílias agricultoras, sejam as pessoas consumidoras.

No que se refere à questão de políticas públicas, um integrante da AARJ (Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro) pôde apresentar a organização como uma articulação de pessoas e grupos envolvidos com agroecologia, na região do Rio de Janeiro, que tem uma importante força política, inclusive no que diz respeito à mobilização de políticas públicas para a agricultura familiar e orgânica.

Entendeu-se, no encontro, que a mobilização necessária para a construção e execução de políticas públicas de agroecologia, bem como para a criação de iniciativas autogestionadas e locais – como feiras, cooperativas associações – demanda um profundo envolvimento com uma das características fundantes da nossa espécie humana: a nossa capacidade de agregar para nos articularmos em atividades coletivas.

Esse entendimento foi trazido a partir do reconhecimento do nível de sobrecarga de atividades sofrido pelas famílias agricultoras no campo. Foi mencionado que, em geral, as famílias camponesas têm de se preocupar não apenas com a produção dos alimentos, mas também com seu escoamento, o que envolve, dentre outras coisas, bastante conhecimento acerca de programas de aquisição de alimentos, de estratégias de comunicação e marketing para divulgar os produtos, de logística de transporte, de acesso a espaços capazes de funcionarem como pontos de venda ou coleta, além de muitas outras atividades.

Por isso, ao longo de toda a conversa, se passou por esse ponto da necessidade de organização coletiva para que famílias agricultoras possam dar conta de demandas atuais de produção orgânica. Um exemplo

dado foram os SPG (Sistemas Participativos de Garantia), que são sistemas participativos de certificação de alimentos orgânicos que ocorrem de maneira local e através do protagonismo das próprias pessoas agricultoras envolvidas.

Também foi citado pelos participantes da Roda os PSAs (Pagamentos por Serviços Ambientais), que são programas através dos quais atividades consideradas geradoras de serviços ambientais podem ser revertidas em recursos econômicos para as pessoas que as realizam.

Outro programa citado foi o PNAE (Programa Nacional de Aquisição de Alimentos), apresentado como uma estratégia interessante para famílias agricultoras escoarem seus alimentos para escolas, através do contato com o setor público.

Em todos os casos, os usuários desses programas que participavam da Roda mostraram suas vantagens reconhecendo, também, dificuldades enfrentadas em algumas situações. Se participar desses programas colabora com o pequeno produtor dessa área de atuação, é importante compreender que há ainda há que se avançar para que essa colaboração se torne cada vez mais eficaz e eficiente. Mais uma vez, reforça-se a importância das redes de apoio.

Em meio a essas conversas, vale destacar outro aspecto interessante da Roda, que foi a presença de pessoas consumidoras. Muitos dos presentes, a despeito de não produzirem, ocuparam o espaço de modo a revelar a vontade que muitas pessoas na cidade têm de consumir alimentos saudáveis e agroecológicos, bem como de fortalecer a agricultura familiar e a relação

com o campo através desse consumo, associando a ele um compromisso político. Falou-se bastante sobre a vontade de um maior acesso a espaços de comercialização dos alimentos orgânicos, que ainda são vendidos a preços mais elevados, o que dificulta o acesso à grande parte da população. Levantou-se a possibilidade, por exemplo, de uma parceria com as escolas, como algo que facilita a logística das pessoas consumidoras que, ao buscarem suas crianças após o término das, poderiam aproveitar e recolher cestas de alimentos, o que poderia fomentar uma contrapartida ligada à educação ambiental.

Outro caminho proposto na Roda foi a organização de feiras agroecológicas, bem como de associações e cooperativas entre as pessoas produtoras, de modo a tornar o preço dos alimentos mais acessíveis. Ressaltou-se, no entanto, que muitas feiras estão sendo inviabilizadas pela especulação imobiliária, o que tem feito algumas iniciativas recorrerem às redes sociais como um espaço de encontro mais viável entre pessoas produtoras e consumidoras – se não é possível fazer uma feira presencial, ao menos a rede social pode servir para ajudar a construir e manter vivos os vínculos entre cidade e campo, de modo que grupos de pessoas consumidoras e produtoras possam se articular para fazer acontecer o escoamento dos alimentos para a cidade, bem como materializar alguns espaços de convívio que fortalecem a produção, como os mutirões.

Um exemplo trazido por um agricultor foi a Associação Agroecológica de Teresópolis, que promove regularmente uma feira (ocorre ao lado da rodoviária do centro da cidade de Teresópolis). Essa feira já tem cer-

ca de dez anos de existência e foi mencionado que há constantes conflitos para o uso do espaço e permanência da atividade frente à ausência de políticas públicas incentivadoras neste sentido. Porém, a potência de tal feira tem se manifestado, dentre outras coisas, na sua capacidade de organização política, que já a levou a chegar a um ponto de ser reconhecida como patrimônio cultural. A Associação está atualmente buscando formar uma cooperativa para poder acessar mais recursos públicos de maneira coletiva e tem conseguido, inclusive, acessar editais para a multiplicação de agroflorestas e outras atividades implicadas na proteção das matas ciliares da região.

Assim, os processos de articulação de base local foram trazidos como potência para os diálogos para além das regulações estatais a respeito do tema. Foi trazida como uma alternativa interessante, nesse caso, a criação de espaços como feiras de trocas de mudas e sementes, que permitem a circulação, o intercâmbio e a perpetuação de espécies endóginas e nutritivas, como alimentos derivados de sementes crioulas – o que pode também ser estimulado através de políticas públicas de fomento à criação dessas feiras.

Nesse sentido, um agricultor presente trouxe também a importância de que a criação desses espaços seja uma responsabilidade compartilhada entre as famílias agricultoras e as pessoas da cidade, acrescentando a reflexão que, em muitos casos, se considerarmos os inúmeros gastos com remédios e tratamentos para lidar com os problemas de saúde derivados do consumo de agrotóxicos, o consumo de alimentos orgânicos pode sair, a longo prazo, mais barato para as políticas públicas de saúde.

Por outro lado, destacou-se que as pessoas consumidoras, a despeito de terem poder de escolha na hora da compra dos alimentos, são objeto de campanhas publicitárias que incentivam uma lógica de mercado voltada muito mais ao consumo de industrializados e comidas rápidas do que de comidas agroecológicas que se pautam na aproximação entre cidade e campo.

Com relação às famílias agricultoras que ainda produzem de forma convencional, com agrotóxicos e fertilizantes químicos, alguns participantes trouxeram o reconhecimento de que as mesmas muitas vezes estão nesse caminho já por gerações e não por falta de conscientização, mas principalmente por conta de uma realidade histórica e social de exploração, de concentração de renda e de terras, que promove uma lógica de dependência com relação aos técnicos e às grandes empresas do agronegócio.

Um dos agricultores presentes, nesse sentido, comentou: *“Por que é que a gente segue esse caminho de fazer deserto ao invés de fazer floresta? Acho que a maior dificuldade de fazer todo mundo migrar para o caminho da floresta é a concentração de renda. É talvez o nosso maior desafio, como reverter essa situação. Porque acontece que muitos têm o poder de escolher que muitos fiquem no deserto para ele ter o oásis dele, e isso tira o direito de muitas pessoas escolherem na hora de comprar, se querem de certa forma ou de outra.”*

Dessa maneira, um dos participantes levantou questionamentos importantes a respeito da implicação social de nossas ações no meio agroecológico, de como levar os temas tratados no encontro para a vizinhança de cada pessoa ali presente. Neste caso, o participante menciona a importância de se estar atento para

que o conhecimento agroecológico não seja circulado apenas nos meios onde habitam pessoas brancas, de classe média/média alta, que estão buscando uma vida alternativa nas áreas rurais. O conhecimento agroecológico, nesse sentido, precisa estar intimamente ligado à luta pela terra, pelo poder popular e pela soberania alimentar.

Para encerrar, segue a fala de um dos agricultores que levantou esses pontos ao final do encontro: *“Estamos aqui, um monte de gente inteligente, e a rua está passando lá fora. O que é isso? Tamo errado! Temos que fazer a dona Maria comprar na banca da gente! Eu seguro preço pra caramba, pra isso! Eu quero que meu vizinho plante assim também, aprenda a plantar assim também, o cara que vende pro mercado. Se não, o que que é? É só um trabalho pros iluminados? É só pra burguesia? Tamo errado. O MST tá dando bolacha na nossa cara, tá batendo na nossa cara, só isso. Já fui em encontro nacional e regional, sabe quantos agricultores tinha da Região Serrana do Rio? Eu e mais um, e depois só eu. Só tinha rapaziada gratiluz. Tá errado, cara! A gente tem que convencer o vizinho que vende pro mercado obrigado! Ele usa veneno pra sobreviver! Entende? Enquanto a gente não conseguir fazer isso, a gente tá errado! A gente tem mestrado, doutorado, leu, estudou e escreveu. E aí, e o vizinho? E aquele semianalfabeto? É o nosso trabalho... mudar o mundo!”*

2ª Edição Temática: Plantas aromáticas e Ervas medicinais

Com o tema Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais, a 2ª edição da MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, ocorrida no sábado, 11 de março de 2023, apresentou abordagens em saúde popular envolvendo o autocuidado, terapias integrativas, cosmética natural, o cultivo, o uso e a produção de plantas aromáticas e/ou ervas medicinais (óleos essenciais, substâncias terapêuticas e/ou de cura). Tivemos como subtemas correlacionados: iniciativas e/ou práticas que envolviam Homeopatia e/ou Fitoterapias, Cosmética Natural, Aromaterapia, Autocuidado, Saberes Tradicionais e o Uso de Ervas, Remédios Caseiros como pomadas, tinturas, chás, e a presença de erveiras, parteiras e dou-las, entre outros.

EXPOSITORES



CHEIRO DE DEUS ALQUIMIA ESPAGÁRICA: fica em Barra Alegre/Bom Jardim, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. As atividades principais são a extração de óleos essenciais e produção de sprays de ambiente, em mutirões, com a técnica de agrofloresta e estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual. O processo organizativo dá-se com uma mulher na direção.

HERBAL LUMIAR: localiza-se em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural e atua no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. Foi criada para produzir sabonetes artesanais 100 % vegetais, veganos, livre de petroleiros parabens ou outras substâncias tóxicas. A partir daí começou envasando óleos essenciais para venda e depois fundando uma lojinha em Lumiar, também passando a revender cosméticos naturais e veganos de outras marcas com o mesmo propósito. Atualmente, abriu uma frente de destilação de óleos essenciais de forma artesanal, obtidos através de plantas aromáticas plantadas de forma agroecológica na propriedade da marca parceira Paraíso Sintrópico e na própria propriedade.

HER BEAUTY: está situada em Nova Friburgo/RJ, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. Tem como principal atividade a revenda de cosméticos naturais e orgânicos, óleos essenciais, aromaterapia e produtos de higiene pessoal e do lar, com selos de qualidade.

JARDIM DE ERVAS: trabalham onde são convidados e nas casas do próprio grupo, de forma intercalada. Suas principais atividades são produção de remédios caseiros, plantio de frutas e ervas medicinais, coletivamente. Trata-se de uma iniciativa familiar, herança da erveira “dona Sebastiana (Tiana)”, agente de saber de Trajano de Moraes/RJ; há um quintal comunitário de ervas medicinais e plantas; fazem um trabalho de sensibilização no bairro, e atendem os moradores com doação de mudas e ervas para uso doméstico. Seus proprietários fazem parte da Redefitovida Serrana, e colaboram com trabalhos em escolas. O Quintal se encontra no Bairro de Jardimlândia, Conselheiro Paulino.

JARDIM DE LUZ, QUINTAL AGROECOLÓGICO: situa-se em Lumiar/Nova Friburgo, em propriedade privada de ambiente rural, no segmento de Arte, Educação e Cultura, Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. O Jardim de Luz se propõe a educar para manuseio da terra de forma agroecológica e tem como principais atividades: educação para a terra, aprender a plantar e colher hortaliças, pequenas roças e ervas medicinais. A técnica utilizada é a agrofloresta, em organização de mutirões, em inclusão socioambiental e estratégia de comercialização de economia solidária.

MAGUEUTIKA - Sítio da Lua Agrofloresta: situa-se no bairro Castália/Cachoeiras de Macacu, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada e unidades de conservação (áreas protegidas), no segmento: Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. A história dessa iniciativa começou com o encontro de uma

Nutricionista, Fitoterapeuta e Homeopata, Christiane Azevedo, com uma Agrônoma sitiante, Marina Esteves, ambas apaixonadas por plantar, cultivar plantas medicinais e produzir fitoprodutos. Elas se reuniram na propriedade Sítio da Lua e começaram um projeto pequeno de extração de óleo essencial e plantio de medicinais, que foi crescendo e se transformando em agrofloresta de onde hoje saem todos os insumos. O objetivo é transformar a propriedade em um Instituto de preservação, educação e trabalho social. As principais atividades são: plantio de medicinais, aromáticas e frutíferas, preservação de mata nativa e ciliares, produção de óleo essencial e cosméticos. A metodologia de organização é em mutirões e as técnicas utilizadas são práticas como compostagem, homeopatia no solo, produção de bioinsumos, em Inclusão socioambiental, e estratégia de comercialização em coparcerias.

O GRÃOS DE LUZ: é um coletivo de erveiras e agentes de conhecimento tradicional, situado em Lumiar, Nova Friburgo/RJ. Estão no segmento de Ervas Medicinais e Plantas Aromáticas. Há mais de uma década atuam na identificação e envolvimento dos mestres de saber, na produção de remédios caseiros e na disseminação de conhecimentos tradicionais. As técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em oficinas e a estratégia de comercialização, em inclusão socioambiental e venda direta.

REDE FITOVIDA: situa-se no Alto do Catete/Nova Friburgo, em ambiente rural e de transição urbano-rural, em propriedade privada e territórios tradicionais, nos segmentos de Alimentação e Saúde e Luta pela terra.

Trata-se de uma rede com mais de 20 anos de iniciativa, sem fins lucrativos, que tem como principais atividades o reconhecimento e tradição de uso, plantio, colheita de plantas medicinais para fabricação artesanal de garrafas, tinturas, pomadas e xaropes. A técnica utilizada é a de reflorestamento, e a metodologia de organização é a partilha, em inclusão socioambiental e sem comercialização.

RIMA ESSENCIAL: localiza-se em Mury/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. Sua atividade é o desenvolvimento de fórmulas de biocosméticos, utilizando-se de tecnologias sociais e/ou ancestrais, com organização em oficinas e prática de comércio justo e inclusão socioambiental.

SÍTIO ACOTIRENE: fica localizado em São Lourenço/Nova Friburgo, em ambiente rural, com produção de plantas medicinais e aromáticas de forma agroecológica para produção de óleos essenciais e hidrolatos, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Essenciais. As técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em propriedade privada, em intercâmbio com experiências parecidas e inclusão socioambiental, com estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual.

SÍTIO RECREIO: localiza-se em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente rural, e sua principal atividade é a produção de fitoterápicos, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais.

As técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em oficinas, e a estratégia de comercialização, em inclusão socioambiental e venda direta/sacola virtual.

TEA NATURAL: fica nas Braunes/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde, Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. A principal atividade é a produção de cosméticos com ingredientes totalmente naturais. As técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em intercâmbio com experiências parecidas e prática de comércio justo.

TERAPIAS NATURAIS: (Bertha Regina, terapeuta natural) fica em Conselheiro Paulino/Nova Friburgo, em ambiente urbano. Visa despertar na comunidade a valorização das práticas de autocuidado e prevenção da saúde, através do uso das plantas medicinais, em forma de tinturas, unguentos e sabonetes com ervas medicinais. Utiliza técnicas baseadas nos aprendizados em cursos com erveiros e rezadores da região, atuando no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais, com utilização de territórios tradicionais e intercâmbio com experiências parecidas, praticando o comércio justo.

TERRA YPORÃ: está situada em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. As principais atividades são destilação e fermentação de plantas, frutas, sementes, mel para produção de vinhos, óleos essenciais, conservas. As técnicas utili-

zadas são: adubação, agrofloresta, compostagem, reciclagem/reaproveitamento, reflorestamento, uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em intercâmbio com experiências parecidas, mutirões, oficinas, partilha, rodas de capacitação e estratégia de comercialização como venda direta/sacola virtual, com inclusão socioambiental.

VIVO NATURALMENTE: localiza-se no Cônego/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. As principais atividades são cursos de aromaterapia, herbalismo e saboaria, e as técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em oficinas, com estratégia de comercialização de coparcerias, em inclusão socioambiental.

RODA DE CONVERSA

Mediação – Maria José Porto – Projeto Farmácia Viva – Prefeitura de Macaé/RJ

Ianielle dos Santos – Redefitovida Serrana

Frederico Reis – Instituto de Homeopatia e Terapias Populares

Grasiele Nespoli – Fiocruz RJ

A segunda edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGRO-BIODIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, teve como tema “Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais”.

O encontro proporcionou a reunião de diferentes pessoas, grupos e iniciativas ligadas aos diversos usos medicinais, homeopáticos e fitoterápicos das ervas da

região. As participantes foram desde raizeiras e erva-iras tradicionais, que atuam diretamente em suas comunidades, até agentes do Sistema Público de Saúde, onde as plantas medicinais têm chegado através das Práticas Integrativas e Complementares.

A Roda de Conversa surgiu como uma forma de promover o diálogo em torno de três eixos de análise principais: as características endógenas das iniciativas da região de montanha; a possibilidade de criação e fortalecimento de uma rede colaborativa de socioagrobiodiversidade nessa região; e o papel das políticas públicas nas respostas aos desafios enfrentados pelos grupos presentes.

Para introduzir o debate, três iniciativas diferentes apresentaram seus trabalhos e trajetórias dentro da temática das “Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais”, sendo elas: Fiocruz/RJ, que evidenciou o tema da “Educação, Saúde e Plantas Medicinais” no âmbito institucional e em sua relação com agentes de saúde do sistema público; RedeFitovida, que, através do tema “Saúde Popular”, mostrou como diversos grupos comunitários de erva-iras, benzedeadas, raizeiras, parteiras e agentes de conhecimento tradicional, têm levado a medicina caseira popular como forma de atendimento comunitário à população; e Instituto de Homeopatia e Terapias Populares, que trouxe o tema da “Homeopatia Popular” a partir de uma leitura histórica da homeopatia e de seu desenvolvimento até os dias atuais.

Após as apresentações, a Roda se iniciou para debater os três eixos de análise anteriormente apresentados – potenciais endógenos, potenciais para criação de rede e potenciais para a criação de políticas públicas.

Dentre as principais características deste momento, podemos destacar a pluralidade de agentes presentes na roda de conversa. Tal fator foi fundamental para a diversidade no diálogo entre as iniciativas participantes, pois a conversa percorreu não apenas os aspectos comuns vivenciados pelas mesmas, mas também suas particularidades, passando por acordos e consensos, e também por conflitos e tensões relativos aos diferentes locais sociais que cada uma ocupa na temática da relação com as plantas e ervas medicinais.

Podemos dizer que as vivências das pessoas presentes trouxeram visões complementares em torno de três lugares sociais principais, que influenciaram os debates e explanaram demandas e necessidades diversas em torno do tema e dos eixos abordados.

O primeiro se refere à questão fitoterápica no âmbito do sistema público de saúde, à importância da integração das ervas e plantas medicinais nas práticas de prevenção e promoção de saúde, promovidas pelo SUS, principalmente no que se refere ao atendimento público da população de forma abrangente e custeada pelo Estado. O segundo lugar se refere à questão das iniciativas de pequena escala que buscam algum tipo de regularização formal para a comercialização de seu bioproduto, como aquelas formalizadas enquanto microempreendimentos individuais. E o terceiro se refere às iniciativas locais de escala comunitária, que não têm, necessariamente, um objetivo direto de comercialização, mas que buscam principalmente atender à população local e preservar a memória de conhecimentos e práticas tradicionais que atravessam gerações de raizeiras e erva-iras populares.

No que diz respeito às políticas públicas, foi mencionada a escassez de programas que contemplem o trabalho com as plantas e ervas medicinais e aromáticas. O que se apontou é que tal escassez tem afetado de forma diferente o uso das plantas pelo setor público, pelo setor privado a nível industrial, pelo setor privado no nível da produção local e individual, e pelos grupos comunitários e tradicionais de base.

Os debates na Roda evidenciaram que há uma preocupação com a necessidade de que o SUS ocupe seu espaço a nível de políticas públicas para garantir a acessibilidade da população aos fitoterápicos. Por outro lado, foi ressaltado que esse precisa ser um processo feito cuidadosamente e, em alguma medida, em parceria com as comunidades que já estão trabalhando com as ervas, respeitando-se as pessoas que já são mestras das plantas em suas próprias comunidades. Os participantes ressaltaram ainda que a legislação vigente tem limitações e a Política Nacional de Fitoterápicos e Plantas Medicinais não leva em conta a condição precária na qual a agricultura familiar se encontra em nosso país, afetando, por exemplo, projetos como o das Farmácias Vivas.

Outra diferença importante apresentada esteve relacionada com a diversidade da forma de produção artesanal/tradicional, em comparação com a produção artesanal de pessoas microempreendedoras e a produção em larga escala e industrial.

Segundo os relatos, muitas iniciativas que produzem em menor escala, de forma artesanal, e buscam espaço de comercialização, não o encontram, considerando que a regulamentação vigente acabaria por contem-

plar apenas processos produtivos industriais de grandes corporações. Segundo os debates, a regulamentação vigente desconsidera as iniciativas locais e de pequena escala, que têm processos produtivos diferentes das grandes indústrias. Pontuou-se que esse aspecto se deve, dentre outras coisas, à característica corporativista das políticas vigentes em nosso país, onde a fiscalização ocorre em várias etapas do processo produtivo, e não apenas no produto final, como ocorre em outros países. Mesmo os pequenos laboratórios que, de forma consorciada, conseguiriam um registro pela Anvisa, em geral não dão conta de garantir a mesma acessibilidade de regulação para as produções de pequena escala e para as produções industriais. Aqui se evidenciou a limitação dos processos regulatórios da Anvisa, que não prevê mecanismos de acreditação de processos produtivos artesanais.

Uma questão importante que foi levantada de modo a evidenciar as diferentes maneiras pelas quais cada iniciativa é afetada pelos processos regulatórios, foi a das chamadas 'boas práticas'. As práticas consideradas 'boas' ou corretas para uma produção industrial, ou até para uma produção individual mais comercial, são complexas para serem aplicadas num processo de produção artesanal de populações tradicionais. Muitas práticas e costumes diferentes daquelas hegemônicas consideradas corretas pela Anvisa – e pelo sistema público num geral – são, na verdade, para algumas comunidades tradicionais, parte fundante das particularidades de sua produção, de seu modo de vida, de sua identidade. Nesse sentido, ressaltou-se o cuidado que é necessário com as tentativas de padronização

dos modos de produção tradicionais, pois isso pode extinguir o saber local, que é legitimado, em algumas comunidades, muito mais pelo conhecimento ancestral do que pelas normas e legislações do Estado. Mesmo que a intenção de padronização com o nome de “boas práticas” possa surgir através do discurso de salubridade, na verdade, pode se perpetuar como mais um tipo de prática colonial.

Como disse uma integrante da Redefitovida, presente na roda de conversa: *“A boa prática da farmácia não me serve, para a gente, o que serve é o que o meu bisavô fazia”*. Assim, quando se fala em boas práticas num ambiente de medicina artesanal, popular e tradicional, pode se reproduzir a marginalização que a sociedade oferece para suprimir o saber local.

O que foi levantado na discussão, como tentativa de regulação em nome da salubridade, representa um contraste com a permissividade de inúmeros efeitos colaterais, doenças e mortes que podem estar associadas com a indústria farmacêutica, no consumo de remédios alopáticos. Aqui, alguns questionamentos pertinentes foram feitos: será que a indústria farmacêutica recebe o mesmo peso de fiscalização que as produções artesanais das populações tradicionais? Será que a avaliação dos riscos da produção, quando se fala em “boas práticas”, está pendendo com o mesmo peso sobre o conhecimento tradicional e sobre as grandes indústrias da medicina alopática?

Também se pontuou a noção de que a promoção de “boas práticas” seria justamente para criar um “meio termo” entre as diferentes realidades de produção. Mas podemos também questionar: será que a própria tentativa de se criar um meio termo e promover uma

conciliação não é “abafar” um conflito social histórico? Será que isso não seria invisibilizar uma opressão histórica produzida por uma elite dominante e seu conhecimento hegemônico, sobre as comunidades tradicionais e sua sabedoria popular, principalmente quando consideramos que é essa a mesma elite que controla a indústria farmacêutica alopática?

Ao longo das falas de pessoas vinculadas ao uso popular e tradicional das plantas medicinais, podemos entender que as medicinas artesanais e tradicionais são baseadas nas “boas práticas” da convivência, e não da lógica higienista, hegemônica, monocultural e colonial que ainda domina a medicina alopática convencional. São baseadas na confiança que vai se tecendo entre pessoas de uma mesma comunidade no seu dia a dia, mas também na relação que se constrói com as próprias plantas, e com o próprio território. Como disseram algumas mulheres presentes – vinculadas à medicina popular natural e ancestral de suas comunidades –, as práticas singulares de produção das comunidades tradicionais estão intimamente relacionadas com sua identidade sociocultural.

Assim, se entendeu que os mecanismos e as dinâmicas de regulação não devem ser as mesmas para as produções artesanais e para as grandes indústrias. Pois do contrário, tal regulação pode se tornar mais uma forma de apagar o saber local, enquanto grandes indústrias lucram em cima do conhecimento popular. Assim, uma estratégia levantada foi a criação de um fórum permanente de negociação com a Anvisa.

Como questionamentos e estratégias para lidar com esse cenário de desigualdades sociais, se levantaram

brevemente algumas possibilidades. Uma delas parte da consideração de que um dos poucos elementos que ajudam a ciência hegemônica a valorizar o saber popular são as plantas; nesse sentido, o conhecimento tradicional das plantas poderia ser aprofundado pelas comunidades e iniciativas locais para a modulação de políticas públicas.

Outra se refere a uma maior ênfase na comunicação das iniciativas e processos que já ocorrem nas comunidades, colhendo e apresentando relatos das pessoas envolvidas, pois grande parte da população não conhece o impacto de iniciativas comunitárias e artesanais que trabalham com as plantas e ervas medicinais, assim como não conhece as práticas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) como o maior produtor de arroz branco do mundo.

Também foi pontuada a importância de pensarmos nas relações de trabalho que tangem as diferentes iniciativas e na luta por direitos nesse âmbito. Mesmo com a beleza e importância do saber popular e ancestral, ainda assim, a realidade de trabalho de muitas produções artesanais é bastante precarizada. Independentemente de haver algum tipo de comercialização ou de ser uma produção voluntária para atender a própria comunidade, existe uma dimensão de trabalho que precisa ser vista. Isto, considerando que a precarização de trabalho faz com que muitas das apostas em melhorias dos processos de trabalho sejam ligadas mais ao “empreendedorismo individual” do que à luta coletiva.

3ª Edição Temática: Arte, Educação e Cultura

Com o tema “Arte, Educação e Cultura”, a 3ª edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, ocorrida no sábado, 08 de abril de 2023, apresentou abordagens em manifestações e/ou expressões culturais de base socioeducativa, que envolveram referências, resgate, saberes e/ou memórias relacionados à formação sincrética do povo brasileiro. Como subtemas correlacionados: danças e manifestações, tais como: Folia de reis, Jongo, Mineiro-pau, Os Palhaços “Moitas” de Rio Bonito de Lumiar (Fantasias), arte e/ou artesanato que envolveram aspectos da socioagrobiodiversidade, feitos a partir de matéria-prima natural, fibras naturais, sementes, tecidos e/ou tecelagens com técnicas de impressão orgânica; corais de canto e música; resgates ancestrais através de instrumentos como tambores, entre outros.

EXPOSITORES



ANA CLAUDIA LIVIO GADINI: é empreendedora e atua em ambiente urbano, no Parque São Clemente/Nova Friburgo, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são aplicação de fotos em produtos como capas para almofadas, ecobags, canecas, agendas, calendários e outros, através da sublimação. A estratégia de comercialização é vendas online e parcerias.

ANTÔNIO BORGES ARTE E MARCENARIA: se localiza em Lumiar, Nova Friburgo/RJ. Artista Plástico atuante no segmento de Arte, Educação e Cultura. Seus produtos são originários da marcenaria e carpintaria, sendo destaques as peças artísticas utilitárias, luminárias exclusivas compostas de fibras vegetais e de madeiras nobres.

ATELIÊ TRAMANDO ARTE: está localizado em Stucky/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada e unidades de conservação (áreas protegidas), no segmento de Arte, Educação e Cultura. O Ateliê foca no reaproveitamento dos resíduos das indústrias têxteis de Nova Friburgo e na geração de renda para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com tecelagem em tear manual e uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em oficinas, com prática de comércio justo em inclusão socioambiental.

CAÁ ESTÚDIO: fica localizado em Olaria/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são projetos de interiores, espaços ou itens com ressignificação de materiais que seriam descartados e são transformados em peças de design assina-

do; projetos de sustentabilidade. As técnicas utilizadas são reciclagem/reaproveitamento, em organização de oficinas e estratégia de comercialização de agregação de valor, em inclusão socioambiental.

CARTANAI: localiza-se no Cônego/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. Trata-se de marca de papelaria artesanal que busca ser sustentável, utilizando majoritariamente papel e reaproveitando materiais, com estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual.

CERÂMICA FRANCIS KASTALSKI: fica em Stucky/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são produção de bio-joias em cerâmica, utilitários em cerâmica, vasos e instalações envolvendo plantas exóticas e itens decorativos em cerâmica (mobiles), produzidas em torno. As técnicas utilizadas são: energia fotovoltaica, reciclagem de argila, em intercâmbio com experiências parecidas, e estratégia de comercialização de coparcerias, em inclusão socioambiental.

DO BARRO CERÂMICA: fica em Theodoro/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Arte, Educação e Cultura. Sua atividade consiste em trabalho com reciclagem de material: cerâmica com vidro na composição. Organiza-se em oficinas, com estratégia de comercialização de agregação de valor e inclusão socioambiental.

CERÂMICAS LU NOEL: se localiza no bairro urbano do Cascatinha, Nova Friburgo/RJ, no Segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são produção de utilitários e peças decorativas em cerâmica, produzidas em torno. As técnicas utilizadas são: energia fotovoltaica, reciclagem de argila, em intercâmbio com experiências parecidas, e estratégia de comercialização de coparcerias, em inclusão socioambiental.

CHEETA WÁ: está situado em Nova Friburgo/RJ, em ambiente urbano e propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são confecção e venda de painéis decorativos formados por fibras naturais orgânicas (uso de cordas e/ou barbantes). As técnicas utilizadas são reciclagem/reaproveitamento, e a estratégia de comercialização é agregação de valor, no sentido da valorização orgânica de materiais.

ECOMODAS SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS: está situada no Centro/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada e territórios tradicionais, no segmento de Arte, Educação e Cultura. Trata-se de um negócio de impacto focado na preservação do planeta, que desenvolve produtos e projetos com princípios sustentáveis feitos a partir de resíduos industriais. Desde 2010, a EcoModas cultiva e planta árvores nativas da Mata Atlântica para enriquecer as florestas e preservar nascentes. Suas principais atividades são produção de moda sustentável e brindes corporativos ecológicos a partir de resíduos industriais, bem como atividades de educação ambiental. Seu processo organizativo é de inclusão socioambiental, com estratégia de comercia-

lização de agregação de valor, com técnicas de reciclagem/reaproveitamento e organização de oficinas.

MARCOS DE MELO/PARceria COM A FAZENDA AGROECOLÓGICA MONTE CRISTO: está situado em ambiente rural, em Trajano de Moraes, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura; Luta pela Terra. As principais atividades são alfabetização ecológica e agricultura sintrópica, com técnica de agrofloresta, em organização de mutirões, com estratégia de comercialização de agregação de valor, em associativismo ou cooperativismo.

MIL FOLHAS: situa-se no Cascatinha/Nova Friburgo, em ambiente urbano e propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são fabricação de cadernos artesanais e jogos educativos (gamão e tangram), com reaproveitamento de materiais, como bandejas de isopor, papelão, rolha de vinho, em intercâmbio com experiências parecidas e prática de empreendedorismo feminino e estratégia de comercialização com venda direta/sacola virtual.

NZINGA CONFECÇÕES: se localiza em Lumiar, Nova Friburgo/RJ. Está no Segmento de Arte, Educação e Cultura. Sua produção segue a temática de valorização da cultura afro-brasileira, onde são produzidos roupas, chapéus e cartucheiras em tecidos e estampas étnicas.

REBECA AZEVEDO E TULIO REZENDE: são profissionais da arquitetura e da educação. Residem no Cascatinha, Nova Friburgo/RJ, e estão no segmento de Arte, Educação e Cultura. Com base em conceitos descritivos

de espécies nativas, produziram um calendário ambiental com o intuito de sensibilizar o público e disseminar o conhecimento sobre o tema, com técnicas ilustrativas e estéticas, e metodologia no formato lúdico de inclusão socioambiental.

RÚSTICO CONTEMPORÂNEO: está situado em Debusan/Nova Friburgo, em ambiente urbano e propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são confecção e venda de biojoias e pequenos objetos de decoração, usando madeiras de reaproveitamento. As técnicas utilizadas são reciclagem/reaproveitamento e a estratégia de comercialização é agregação de valor, num processo organizativo de associativismo ou cooperativismo.

YA ARTESANATO: localiza-se em Amparo/Nova Friburgo, em ambiente rural, e sua principal atividade é cultural, no segmento de Arte, educação e cultura, em propriedade privada, com técnicas de reciclagem/reaproveitamento, com protagonismo juvenil e estratégia de comercialização de economia solidária.

RODA DE CONVERSA

Mediação – Silvia Araujo – Companhia Arteira
Felipe Knupp – Folia de Reis Nossa Senhora de Fátima e Mineiro Pau
Patrick Nogueira – Projeto Circo Viva
Leonardo Voigt – UFRRJ/CEFFA CEA Rei Alberto I



A terceira edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, teve como tema “Arte, Educação e Cultura”.

A edição proporcionou o encontro de diferentes pessoas, grupos e iniciativas ligadas a processos artísticos, pedagógicos e culturais da região. Nesse contexto, a Roda de Conversa se desenvolveu como forma de promoção do diálogo em torno de três eixos principais: as características endógenas das iniciativas da região de montanha; a possibilidade de criação e o fortalecimento de uma rede colaborativa de socioagrobiodiversidade nessa região; o papel das políticas públicas nas respostas aos desafios enfrentados pelos grupos presentes.

Para introduzir o debate, três iniciativas diferentes apresentaram seus trabalhos e trajetórias dentro da temática proposta, sendo elas: a Folia de Reis Nossa Senhora de Fátima e o Mineiro Pau, que buscam res-

gatar a cultura das festividades populares tradicionais da região de Friburgo; o Projeto Circo Viva, que busca resgatar o circo no imaginário cultural rural, realizando espetáculos e oficinas em escolas públicas da região serrana, Norte Fluminense e baixada litorânea; e a experiência de educação do campo no CEFFA (Centro Familiar de Formação Por Alternância) e do CEA (Colégio Estadual Agrícola) Rei Alberto I, uma escola rural de Nova Friburgo cujo processo pedagógico é orientado pela Pedagogia da Alternância, pela Agroecologia e pela perspectiva Decolonial.

Após as apresentações, a Roda trouxe como primeiro tópico a questão do incentivo público às festividades culturais da região. O subsecretário da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Nova Friburgo esteve presente e comentou sobre a verba atual que a cidade tem para investir em apoio às manifestações culturais, como a Folia de Reis. Em sua fala, ele comentou sobre a possibilidade de ações de fomento de tais atividades ao longo de todo o ano, ou seja, não apenas no período tradicional em que ela costuma ocorrer. O representante da Folia de Reis explicou sobre o caráter plural desta ação e que a época de realização varia de acordo com o grupo que a organiza. Pensando nisso, especificamente com relação à Folia de Reis, foi levantada a possibilidade de criação de um calendário unificado para que os diferentes grupos promovam a manifestação cultural em épocas diferentes, de modo que os grupos se visitem e apoiem as festividades uns dos outros.

Também foi levantada a possibilidade de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, para que as Foliagens sejam levadas às escolas, com o objetivo de realização de atividades e oficinas com as crian-

ças e jovens, de modo a fomentar a cultura do território, ampliando os diversos saberes que se apresentam numa Folia de Reis – as danças, os cantos, a história. Desse modo, segundo os participantes, as manifestações conseguiriam permanecer vivas durante todo o ano, sem serem descaracterizadas nem terem sua imagem distorcida por uma espécie de ‘espetacularização’ da cultura popular.

Reforçou-se também a importância do investimento financeiro do poder público nessas festividades tradicionais, pois a maioria dos custos para a realização das mesmas é arcado pelas próprias pessoas participantes. Foi pontuada, então, a necessidade de que os recursos financeiros voltados à cultura contemplem principalmente as próprias pessoas fazedoras de cultura da região, das festividades tradicionais aos museus orgânicos, que carregam a história do território e evidenciam as características particulares e endógenas dessas mesmas manifestações culturais.

Outro item em destaque por parte dos participantes foi a relação que a cultura tem com o território e com a terra. Foi lembrada a interrelação entre essas áreas e foi mencionado que a Região Serrana do Rio de Janeiro, por exemplo, mesmo abrigando florestas e mananciais de água, estaria sofrendo processos de desertificação em algumas regiões, devido à agricultura intensiva e mono cultural. Conforme o ecossistema vai sendo impactado, não apenas a produção de alimentos pode ser afetada, como também o turismo, onde áreas normalmente visitadas se tornam menos atrativas. Se o turismo cai, logo, cai também uma das fontes de renda das pessoas fazedoras de cultura da região.

Assim, outro ponto levantado na Roda foi a importância de que o investimento na cultura local seja integrado também ao turismo e com a agricultura ecológica, de modo que haja um diálogo entre esses três setores – cultura, turismo e agricultura.

Inclusive, no que diz respeito à educação, uma das estratégias apontadas pelos presentes para se fortalecer o crescimento da cultura local, foi o investimento também em atividades de educação ambiental, que fomentem a aproximação das crianças da região com a terra e o território onde habitam. Isso porque, segundo as pessoas presentes, a cultura local cresce conforme se estreitam as relações entre as comunidades e seu território.

4ª Edição Temática: Alimentação e Saúde

Com o tema Alimentação e Saúde, a 4ª edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, ocorrida no sábado, 13 de maio de 2023, apresentou abordagens voltadas à produção de receitas culinárias nutritivas, naturais e/ou veganas, que valorizassem a importância da soberania e da segurança alimentar, bem como a inclusão de Plantas Alimentícias Não Convencionais (Pancs) e a valorização de produtos agroalimentares de origem de montanha. Como subtemas correlacionados: denominações agroalimentares, arranjos produtivos locais, segurança alimentar, culinária nativa de montanha (receitas mantidas por agricultores tradicionais como a 'broa de planta', o doce de abóbora 'jila', o queijo chimirra, a base de inhame, juçaí, frutas da mata); geleias; produtos com fermentação natural; cultivo de jussara para extração de polpa e palmito; produtos de origem na agricultura familiar de base tradicional.

EXPOSITORES



BROA DE PLANTA DA DODOCA: localiza-se em Três Picos, Sítio São Jorge/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e saúde. São utilizadas tecnologias sociais e/ou ancestrais na produção de broas de plantas e pão de mel, com estratégia de comercialização: venda direta/sacola virtual.

COGUMELOS VALE DO PARAÍSO: localiza-se em Macaé de Cima/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Alimentação e Saúde. Sua principal atividade é a produção de cogumelos, com utilização de técnica de Compostagem e estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual e processo de inclusão socioambiental.

COMPOSTONAUTAS: está localizado no Alto da Chácara/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Alimentação e Saúde. Sua principal atividade é a disseminação da compostagem através de oficinas e mutirões, com agregação de valor e protagonismo juvenil.

COMCIÊNCIAVIVA: fica no Cascatinha/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde. Trata-se de uma empresa dedicada a escolher e cuidar conscientemente de tudo o que envolve cuidados pessoais e higiene, usando produtos artesanais, feitos com ingredientes naturais, verificando a origem socioambiental de seus ingredientes, o impacto socioambiental

desses produtos, assim como as embalagens e todo o seu processo. Dentre as técnicas utilizadas estão: rastreamentos da origem dos insumos, embalagens o mais sustentáveis possível, menor gasto de água em produtos sólidos, cuidado ambiental na limpeza e descarte. A metodologia de organização é em forma de cursos especializados, em inclusão socioambiental, com estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual.

DENTE-DE-LEÃO: fica em Theodoro de Oliveira/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em unidades de conservação (áreas protegidas), no segmento de Alimentação e Saúde. As principais atividades são atendimentos em Ayurveda, como imersões, retiros, vivências, oficinas e hospedagem, voltadas para o turismo de experiência e cuidados de saúde. O cuidado com a segurança alimentar, o respeito aos ciclos biogeoquímicos, o aprendizado sobre como preparar uma refeição nutritiva e saborosa fazem parte dos ensinamentos que são oferecidos na Chácara Dente-de-Leão, com o objetivo de criar memórias e aprendizados que, uma vez implementados na vida diária, se configuram como ponto de virada no processo de mudança para uma vida saudável e/ou manutenção dessa escolha feita, que resulta em saúde, vitalidade e longevidade. As técnicas utilizadas são o uso de conhecimento ancestral para cuidados de saúde, compostagem e horta. E a metodologia de organização dá-se na forma de aulas de Biologia e Ayurveda, oficinas e workshops, com estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual, em inclusão socioambiental.

LEMOS CAFÉ: fica em Fazenda do Campo/Duas Barras, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde, utilizando-se de técnica de compostagem para plantio/colheita/torra/venda, com protagonismo juvenil, organização em rodas de capacitação e estratégia de comercialização de agregação de valor.

LICH KOMBUCHA: situa-se no Centro/Nova Friburgo, em ambiente urbano, no segmento de Alimentação e Saúde, com produção de chás fermentados de kombuchas, com processo de inclusão socioambiental e prática de comércio justo.

MELIPONÁRIO MULHER DE PEDRA: está localizado no Recreio dos Bandeirantes/Rio de Janeiro, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde. A principal atividade é a conservação de abelhas nativas sem ferrão, com o objetivo de conscientização da população para a necessidade da preservação, da sustentabilidade e da educação ambiental para adultos e crianças. Há uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais e metodologia de organização em intercâmbio com experiências parecidas e estratégia de comercialização de agregação de valor, em processo organizativo de associativismo ou cooperativismo.

MÖMA BIOCOSMÉTICOS: está situada em Mury/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais e tem como principal atividade o desenvolvimento de fórmulas em biocosméticos, com uso de tecnologias

sociais e/ou ancestrais, inclusão socioambiental e prática de comércio justo.

NOVA FITT BAKERY: está localizada em Theodoro/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde. Suas principais atividades são a busca por alimentação mais saudável, sem componentes industrializados, utilizando-se de técnica de adubação, em intercâmbio com experiências parecidas e prática de comércio justo.

NÚCLEO DE SAÚDE MENTAL COMVIDA: localiza-se no Centro/Nova Friburgo e está no segmento de Alimentação e Saúde. A principal atividade é o acompanhamento terapêutico de pessoas que, devido a um transtorno psíquico ou sofrimento psíquico intenso, não conseguem manter suas atividades e se veem em situação de isolamento social; o atendimento acontece onde a pessoa estiver – em sua casa ou espaços públicos. O Acompanhamento Terapêutico acontece prioritariamente com um profissional e uma pessoa acompanhada; o Núcleo promove também rodas de conversas, capacitações e eventos que abordem a questão da saúde mental em sua forma mais ampla, envolvendo as mais diferentes áreas da vida em sociedade.

O PÃO: situa-se na Ponte da Saudade/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde. A principal atividade é a produção de pães integrais com sementes, com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em intercâmbio com experiências parecidas,

em processo artesanal de fabricação e estratégia de comercialização de agregação de valor.

SEMENTE SOLAR: está situada em Macaé de Cima/ Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos, Alimentação e Saúde. As principais atividades são produção de alimentos desidratados, fermentados e de produção local: aipim, sementes de linhaça, gergelim e frutas (banana, frutas locais e da estação). As técnicas utilizadas são: adubação, agroflorestal, compostagem, reciclagem/reaproveitamento, reflorestamento, uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, com metodologia de organização variada – intercâmbio com experiências parecidas, mutirões, oficinas, partilha, rodas de capacitação e estratégias de comercialização de agregação de valor, com processo organizativo de associação e cooperativismo.

SER PURA - ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E SABOROSA: fica em Nova Friburgo, em propriedade privada. Sua principal atividade é a produção de pães de longa fermentação, bolos, brownie, biscoitos – produção sem glúten, sem leite, sem conservantes e sem açúcar refinado. Utiliza-se de tecnologias sociais e/ou ancestrais, com metodologia de organização de curso de especialização em confeitaria funcional e saudável, com protagonismo juvenil e estratégia de comercialização com venda direta/sacola virtual.

VEGBIER: situa-se em Mury/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Alimentação e Saúde. A principal atividade é a pro-

dução artesanal de cerveja com utilização de insumos regionais e uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em intercâmbio com experiências parecidas e prática de comércio justo, em processo organizativo de associativismo ou cooperativismo.

RODA DE CONVERSA

Mediação – Adriana Doyle Portugal – CEFET/RJ – Nova Friburgo

Carmem Valdez e Guilherme Campos – Instituto Socioambiental Compor

João Guilherme Wermelinger e Izabel Sousa – Projeto Off Grid

Selma Holzer – Bacharel em Geografia – UFF



A quarta edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGRO-BIODIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, teve como tema “Alimentação e Saúde”.

Para introduzir o debate, três iniciativas diferentes apresentaram seus trabalhos e trajetórias: o Instituto Socioambiental Compor, que tem o trabalho focado na implementação e execução de projetos de educação socioambiental e de compostagem residencial; o Projeto Off Grid, que também trabalha com educação ambiental, utilizando-se da permacultura como principal ferramenta para desenvolver hábitos e habilidades sustentáveis com crianças e adolescentes; e a Broa de Lumiar, que se configura como uma prática cultural tradicional de confecção comunitária de broas, realizada por famílias da região serrana, e que foi apresentada na roda de conversa por uma pesquisadora envolvida com o tema.

Após as apresentações, a roda se inicia para debater os três eixos gerais anteriormente apresentados – potenciais endógenos, potenciais para criação de rede e potenciais para a criação de políticas públicas.

A conversa começa com algumas falas, evidenciando uma tensão entre o individual e o coletivo/social no que diz respeito à relação entre alimentação e saúde. Houve falas que ressaltaram a importância da escolha individual no que se refere ao consumo de alimentos saudáveis, orgânicos e/ou agroecológicos, refletindo-se a respeito da dimensão estrutural do tecido social que condiciona as escolhas alimentares da maioria da população.

Nesse sentido, foi ressaltada a importância da articulação entre as diferentes pessoas, grupos e iniciativas, como uma oportunidade de encontro entre o indivíduo e o coletivo, que pode gerar transformação social. Práticas como a compra direta de quem produz os alimentos e beneficiados, assim como os espaços de

encontro entre as diferentes iniciativas, foram apontadas como possibilidades necessárias para o enfrentamento às estruturas de dominação social vigentes, bem como para a manutenção da saúde em vários aspectos.

Essa articulação em rede foi trazida pelos participantes da Roda como algo importante para que as pessoas envolvidas com a temática de alimentação e saúde possam ouvir e trocar com outros segmentos da população, de modo a entender o que faz com que muitas pessoas vindas de famílias camponesas, por exemplo, desejem não trabalhar mais com a terra diretamente.

Na sequência, foi reforçado novamente pelos debates que somente a escolha no âmbito individual não seria suficiente. De forma que os participantes ressaltaram ser necessário haver um envolvimento coletivo direto, pois assim teria a capacidade de influenciar políticas públicas. Se as organizações da sociedade civil, os movimentos populares e as associações de moradores não se fizerem presentes coletivamente, ou seja, se as pessoas atuarem apenas de maneira individual, segundo os participantes, as problemáticas que atravessam a área da saúde e da alimentação – e todas as outras que afetam a população – não irão se resolver.

Esse aspecto foi bastante relevante na discussão: a necessidade de fortalecer as redes e os coletivos que podem, de fato, gerar pressões para a elaboração e implementação de políticas públicas no sentido da formulação de legislação, atividades de fiscalização, incentivos e outros processos ligados às condições estruturais que podem mobilizar materialmente as transformações socioambientais.

Como mensagem final, houve a lembrança de que a temática da Alimentação e Saúde traz consigo uma luta que é necessária de ser reconhecida e travada, que é a luta contra os grandes interesses de oligopólios e monopólios da indústria alimentícia, concentrada economicamente junto a setores de elites econômicas de grande poder, em diversos setores da sociedade.

5ª Edição Temática: Paisagens, Águas e Florestas

Com o tema “Paisagens, Águas e Florestas”, a 5ª edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, ocorrida no sábado, 10 de junho de 2023, apresentou abordagens compatíveis com a conservação da socioagrobiodiversidade, realizadas em consonância com as diretrizes em Unidades de Conservação governamentais e/ou particulares (Áreas de Proteção Ambiental – APA´s ou Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPN´s). Como subtemas correlacionados: Conservação Ambiental e/ou Recomposição Florestal, Turismo Eco Científico, Ecoturismo e/ou Turismo Etnoecológico; Botânica, Bromélias e Orquídeas; Astrofotografia; Observadores de Fauna e de Aves; Técnicas de Conservação em Área de Proteção Permanente (APP), Reserva legal, Mata Ciliar, Meliponicultura (produção de mel e/ou subprodutos por abelhas nativas).

EXPOSITORES



APEMA: localiza-se no Sana/Macaé, em ambiente rural, em propriedade privada e unidades de conservação (áreas protegidas), no segmento de Agroecologia e Orgânicos, Alimentação e Saúde, Arte, Educação e Cultura, Paisagens, Águas e Florestas, Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. Seu objetivo é criar soluções que gerem menor impacto ambiental, com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais e metodologia de organização em oficinas, com inclusão socioambiental, sem comercialização.

ARTE ESTILO PAISAGISMO: localiza-se em Santa Cruz/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Paisagens, Águas e Florestas. As principais atividades são produção e comercialização de mudas de plantas ornamentais, aromáticas e medicinais e as técnicas utilizadas são adubação, compostagem e reaproveitamento, com metodologia de organização em formato de oficinas e estratégia de comercialização em coparceiras, associativismo ou cooperativismo.

ATELIÊ MÃOS DA MONTANHA: tem como principais atividades: trabalhos com feltragem, almofadas, quadinhos de lã, colar de bambu - aromaterapia, óleo essencial, jogo de dominó de lã natural, cartuchearias, corda de pular de crochê, lã de enchimento e lã crua.

CANTO VEG: está em São Pedro da Serra/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, em propriedade privada, no segmento de Paisagens, Águas e Florestas, tendo como principais atividades confeitaria e panificação, com técnica de agrofloresta, em

intercâmbio com experiências parecidas e estratégia de comercialização de agregação de valor, em inclusão socioambiental.

CAVERNA SAGRADA: está situada em Sana, em ambiente rural de Macaé/RJ, no segmento de Alimentação e Saúde, e tem como principal atividade o desenvolvimento de fitoterápicos, fitocosméticos, saboaria, florais, xaropes, plantas medicinais, etc., com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, inclusão socioambiental e prática de comércio justo. A metodologia de organização é em forma de cursos especializados, em inclusão socioambiental, com estratégia de comercialização de venda direta.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA RIO DOIS RIOS - CDH - R2R: localiza-se de Nova Friburgo a São Fidélis, em ambiente urbano; rural; e de transição urbano-rural, com modos de uso da terra variados, como assentamentos da reforma agrária; propriedade privada; territórios tradicionais; unidades de conservação (áreas protegidas); área urbana, no segmento de Paisagens, Águas e Florestas. O Comitê é um fórum que reúne usuários de água, sociedade civil e poder público, trabalhando na governança do uso dos recursos hídricos, organizando formação, cursos e implantação de unidades demonstrativas através de oficinas, com prática de associativismo ou cooperativismo; inclusão socioambiental; protagonismo juvenil, sem comercialização.

COQUINHO ROXO: fica em Vargem Alta/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no seg-

mento de Agroecologia e Orgânicos; Paisagens, Águas e Florestas. É uma iniciativa que promove a conservação da palmeira juçara (*Euterpe edulis*) através da coleta de frutos e sementes, produção de polpas e mudas com incentivo ao cultivo em agrofloresta. A metodologia de organização é em formato de mutirões, em processo de associativismo ou cooperativismo e estratégia de comercialização com venda direta/sacola virtual.

FAZENDA SUSTENTÁVEL ECO CAMINHOS: situa-se em Cardinot/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos, Paisagens, Águas e Florestas. As principais atividades são: permacultura, bioconstrução, agrofloresta e trabalho social Jovem Aprendiz. Eco Caminhos permeia os princípios da permacultura, o que significa que plantam o que comem (agricultura sintrópica) e constroem estruturas/residenciais com recursos naturais (construção bioecológica). O objetivo é oferecer alternativas saudáveis e conscientes de acordo com a preservação do meio ambiente, resgate da comunidade, redução de desperdícios e práticas sustentáveis como energia renovável, utilizando técnicas de agrofloresta, com intercâmbio com experiências parecidas, inclusão socioambiental e prática de comércio justo.

MARCENARIA E PLANTAS ORNAMENTAIS: situa-se no Alto do Catete/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, com atividades de carpintaria e marcenaria, na produção de cachepôs para orquídeas e bromélias com madeira reaproveitada através da manufatura, com venda direta/sacola virtual e processo de associativismo ou cooperativismo.

PADARIA DA MATA: situa-se no Sana/Macaé, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Alimentação e Saúde; e tem como principais atividades a produção de pães, pizzas, doces e congêneres. É uma padaria de fermentação natural e selvagem que começou em 2019, com Carolina Bianchi, padeira e fundadora. Busca-se respeitar o tempo da fermentação e os processos necessários para a transformação suficiente do trigo em um alimento biodisponível. São produzidos pães de forma, rústicos, baguetes, pizzas e também doces como rolls de goiabada e bio-brigadeirao, este último, junto com a linha de biopães, produzidos com biomassa de banana verde da produção local e agroecológica do Sana. As técnicas utilizadas são uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em intercâmbio com experiências parecidas e estratégia de comercialização de venda direta/sacola virtual.

PLANTAS ORNAMENTAIS: tem como principal atividade a fotografia, no segmento de Arte, Cultura e Educação. Trata-se de fotografia especializada em macrofotografia, para auxílio na identificação de plantas, com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, organização em oficinas, inclusão socioambiental e não comercialização.

POESIAS EM PHOTO: situa-se no Centro/Duas Barras, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura, com atividade principal de fotografia com registros do interior da Região Serrana do Rio de Janeiro, praticando o comércio justo.

PROGRAMA OFF GRID: localiza-se no Sans Souci/ Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada e Escola Municipal, no segmento de Agroecologia e Orgânicos, Alimentação e Saúde, Arte, Educação e Cultura, Luta pela Terra, Paisagens, Águas e Florestas, Plantas Aromáticas e Ervas Medicinais. Trata-se de um programa que desenvolve hábitos e habilidades que gerem autonomia com sustentabilidade, usando a permacultura como ferramenta. As técnicas utilizadas são: adubação, agrofloresta, compostagem, reciclagem/reaproveitamento, reflorestamento e uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais. A metodologia de organização é o intercâmbio com experiências parecidas, mutirões, oficinas, partilha, rodas de capacitação, com protagonismo juvenil e prática de comércio justo.

QUIMERICA: fica em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente de transição urbano-rural, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são ilustração, arte, artesanato, música, em venda direta/sacola virtual.

RPPN CAIUÁ: é uma Unidade de Conservação Particular do Patrimônio Natural, situada em Mury, Nova Friburgo/RJ. Seus proprietários atuam no campo da Conservação Ambiental, por meio da manutenção da reserva, replantio de mudas nativas, sensibilização pública, visitas guiadas, entre outras atividades de conservação. A metodologia de organização é o intercâmbio com experiências parecidas, oficinas socioeducativas, rodas de capacitação e inclusão socioambiental.

SÍTIO LENG RUBER: projeto de reflorestamento e monitoramento de fauna silvestre em parceria com o Projeto Aventura Animal, situa-se no Alto do Cateite/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Paisagens, Águas e Florestas. O Sítio Lengruber é um laboratório permanente a céu aberto, e tem-se constituído em campo experimental para trabalho familiar agrícola, através do emprego da Homeopatia Popular, aplicada em seres vivos, agricultura e ambientes. Adicionalmente, todo o manejo de flora que constitua em sementeira, transplante, plantio, enxertia, poda e colheita é executado em conformidade com o preconizado pelo calendário biodinâmico. Também são empregadas ferramentas de controle ambiental e fitossanitário, como a aplicação de microrganismos eficientes ("EffectiveMicroorganisms" - EM) e nosódios. Há aproximadamente um ano, foi firmada parceria com o Projeto Aventura Animal, e passou-se também a atuar no monitoramento de fauna silvestre, por meio da instalação de câmeras fotográficas do tipo *trailtrap*. As técnicas utilizadas são: sistema silvipastoril para implantação de agrofloresta e reflorestamento, compostagem, adubação com esterco bovino, homeopatia, EM e monitoramento de fauna silvestre. A metodologia de organização é intercâmbio e partilha; mutirão planejado para dezembro/2023. A estratégia de comercialização é venda direta/sacola virtual.

RODA DE CONVERSA

Mediação – Maycon Saviole – Biólogo e Analista Ambiental

Bernardo Furrer – RPPN Rio Bonito de Lumiar

Marina Figueira – Viveiro da Mata Atlântica

Janaina Gralato – Coletivo Ibipuris – Ecovila



A quinta edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIO-DIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, teve como tema “Paisagens, Águas e Florestas”.

Para introduzir o debate, as seguintes iniciativas foram apresentadas: a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Rio Bonito de Lumiar, que enfatizou as unidades de proteção integral na preservação dos ecossistemas; o Viveiro da Mata Atlântica, que busca, através de um viveiro, cultivar e valorizar as espécies nativas da região; e a Ecovila Ibipuris, que apresentou seu processo de formação enquanto ecovila.

Após as apresentações, a Roda se inicia para debater os três eixos gerais anteriormente apresentados – potenciais endógenos, potenciais para criação de rede e potenciais para a criação de políticas públicas.

Um primeiro tópico levantado pelos participantes se refere às possibilidades de parcerias entre projetos de conservação ambiental e iniciativas pedagógicas, de modo que escolas e universidades possam visitar e realizar atividades em locais como viveiros de mudas nativas ou unidades de conservação, contribuindo para um processo de educação ambiental que caminhe na direção de fortalecer o engajamento da população com o tema.

Em seguida, a conversa girou em torno dos principais desafios e soluções que as iniciativas presentes vivenciam com relação ao tema da Roda.

A especulação imobiliária foi apontada como um dos principais fatores de risco para as áreas de conservação, pela pressão de ocupação e uso que exerce sobre as mesmas. Um exemplo citado foi o município de Nova Friburgo, no qual os participantes mencionaram que há políticas ambientais que são prejudicadas em termos de implementação, frente às pressões de crescimento imobiliário, o que evidencia alguns conflitos de interesse que giram em torno das ações governamentais, inclusive em territórios de áreas protegidas. Somado a isso, se pontuou o elevado número de áreas de risco climático na região e a falta de limitação ou até mesmo inexistência de projetos habitacionais sustentáveis que possam apresentar propostas de integração entre as áreas verdes.

Nesse sentido, um dos participantes pontuou a importância de projetos que visem o fortalecimento de

iniciativas de conservação ambiental, mencionando a existência de Reservas Particulares de Patrimônio Natural – RPPNs, considerando que as mesmas apresentam áreas de florestas conservadas. Este tópico foi trazido como algo importante de ser abordado no encontro, especialmente pelo fato de que a região de Nova Friburgo é uma das que possuem um quantitativo expressivo de RPPNs do Brasil. Considerou-se a necessidade de integração das RPPNs, de modo que elas possam se complementar e se fortalecer, inclusive no que diz respeito a projetos de reflorestamento ou jardins botânicos. Além disso, o fato de que a pessoa proprietária de uma RPPN não perde a posse da terra foi também apontado como uma informação importante de chegar até donos de possíveis reservas, pois isso poderia tornar a criação de uma RPPN algo um pouco mais atrativo na percepção de quem detém a propriedade da terra.

Em relação ao tema da proteção ambiental em integração ao tema das paisagens, águas e florestas, o debate dos participantes reforçou também a importância do engajamento político de diversos setores para que haja uma real caminhada em direção à transição ecológica, como, por exemplo, através da participação nos comitês de bacias hidrográficas da região, para que a verba que tais comitês recebem possa ser direcionada para quem de fato está preservando os ecossistemas.

Por fim, foi trazida a sugestão de realização de um fórum que reúna pessoas vinculadas a iniciativas que lidam com questões ambientais, como uma forma de dar continuidade à discussão.

6ª Edição Temática: Luta pela Terra

Com o tema “Luta pela terra”, a sexta e última edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE, ocorrida no sábado, 08 de julho de 2023, apresentou abordagens a partir de movimentos sociais e/ou de lideranças do campo, em processos pedagógicos de luta pelo direito à terra, à educação popular e à agroecologia, no âmbito da Socioagrobiodiversidade. Como subtemas correlacionados: experiências de movimentos sociais – MST – Movimento Sem Terra, MPA – Movimento Pequenos Agricultores, entre outros, no âmbito da Socioagrobiodiversidade; Educação do Campo; Pedagogia da Alternância.

EXPOSITORES



PALMEIRA AÇAÍ JUÇARA: situa-se em Aldeia Velha/Silva Jardim, em ambiente rural, em assentamentos da reforma agrária, propriedade privada, territórios tradicionais, unidades de conservação (áreas protegidas), quilombos, no segmento de Agroecologia e Orgânicos, Alimentação e Saúde, Arte, Educação e Cultura, Luta pela Terra, Paisagens, Águas e Florestas. As principais atividades são: Educação ambiental, extrativismo, produção de mudas, restauração florestal, gastronomia com utilização de técnica de reflorestamento, metodologia de organização de oficinas, inclusão socioambiental e estratégia de comercialização de coparceiras.

AO SOM DO MEU TAMBOR: localiza-se em Nova Suíça/Nova Friburgo, em ambiente urbano-rural, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades exploram manifestações afro-indígenas, com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, em intercâmbio com experiências parecidas e inclusão socioambiental.

ARMAZÉM POPULAR DA TERRA: situa-se em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente rural, em assentamentos da reforma agrária, no segmento de Luta pela Terra. Suas principais atividades são associação para distribuição de produtos orgânicos (basicamente produtos do MST como arroz integral e geleia), com técnicas de adubação e compostagem e metodologia de organização em oficinas e rodas de capacitação, em processo de associativismo ou cooperativismo e estratégia de comercialização de economia solidária.

A.S.A. GAMIFICANDO: localiza-se na Vila Nova/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são criação de jogos analógicos e digitais, com o intuito de fomentar a educação, desenvolver o conhecimento, apresentar a cultura da região ou de um tema específico, com técnicas de reciclagem/reaproveitamento com metodologia de organização no formato de oficinas, em inclusão socioambiental.

BROA DA VOVÓ: fica em Lumiar/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos; Alimentação e Saúde; Arte, Educação e Cultura; na fabricação de broas de legumes da roça com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais e metodologia de organização em mutirões, em processo de associativismo ou cooperativismo, com estratégia de comercialização de agregação de valor.

COLETIVO IBIPURIS: localiza-se na Ponte Branca/Nova Friburgo, em propriedade privada compartilhada, em ambiente rural, no segmento de Agroecologia e Orgânicos, tendo como principais atividades a agrofloresta e iniciativa de educação. Trata-se de um grupo de oito famílias que adquiriu uma propriedade de 17 hectares para cuidar e plantar, utilizando-se da técnica de agrofloresta, em intercâmbio com experiências parecidas, estratégia de comercialização em coparceiras, em processo de associativismo ou cooperativismo.

COMIDA DE TERREIRO / KOMBUCHA DA SERRA - PRODUÇÃO ORIGINAL E ARTESANA: L fica em Theodoro/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em proprie-

dade privada, no segmento Luta pela Terra. As principais atividades são produção de comida baiana, biscoito de amendoim sem glúten e kombuchas, com uso de tecnologias sociais e/ou ancestrais, metodologia de organização de rodas de capacitação, em associativismo ou cooperativismo e estratégia de comercialização em coparceiras.

DEISE MELLO ARTE: fica em Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. O objetivo é a expressividade através da pintura, reforçando o papel da ancestralidade na cultura, com estratégia de comercialização de venda direta/Sacola virtual.

HORTAS COMUNITÁRIAS URBANAS: situa-se na Granja Spinelli/Nova Friburgo, em ambiente urbano, no segmento de Luta pela Terra. O Coletivo "Temos Fome!" encontra-se desenvolvendo o projeto "Hortas Comunitárias Urbanas" na localidade da Granja Spinelli, desde maio de 2021, em resposta ao agravamento da segurança alimentar de famílias de baixa renda na cidade de Nova Friburgo, que viram aumentar sobremaneira, a partir de março de 2020, na pandemia do coronavírus. Suas principais atividades são: realizar encontro com a comunidade para explicar o projeto; preencher um cadastro e responder a um questionário sobre a situação de vulnerabilidade e insegurança alimentar das famílias candidatas da localidade; participar de Encontro de Capacitação com equipe técnica no campo; preparo do local para plantio com apoio técnico: preparação do solo, plantio, tratamentos e cuidados, controle de doenças/pragas, compostagem e colheita; avaliar o

trabalho realizado após colheita (o que dá para melhorar?); celebrar a colheita (agradecer!). A proposta visa criar núcleos de produção de alimentos em áreas não utilizadas na cidade, sejam elas públicas ou privadas (mediante comodato). A metodologia de organização é no formato de rodas de capacitação, em processo de associativismo ou cooperativismo, com estratégia de comercialização de economia solidária.

GAMBÁ ARTESÃO: está localizado em Olaria/Nova Friburgo, em ambiente urbano, no segmento de Luta pela Terra. As principais atividades são: artesanato, instrumentos musicais artesanais, móveis artesanais, serralheria, aulas de capoeira, com técnicas de reciclagem/reaproveitamento, em metodologia de organização no formato de oficinas e prática de comércio justo.

LIVRARIA GENIPAPO: situa-se no Centro/Nova Friburgo, em ambiente urbano, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. A Genipapo se propõe a ser um espaço de encontro com livros e oxigenação de ideias, na venda de livros e café (e acompanhamentos), tendo como metodologia de organização a partilha e a prática de comércio justo, em processo de associativismo ou cooperativismo.

ORGÂNICOS MONTE ALTO: está localizado no Sana/Macaé, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Agroecologia e Orgânicos, Alimentação e Saúde. As principais atividades são agricultura orgânica e produção de comipotas, geleias, pães e farofas, com técnica de agrofloresta e estratégia de comercialização com agregação de valor, clube orgânico e sacola virtual, com inclusão socioambiental.

PROJETO BANCO DA TERRA SERRA NOVA E SERRA VELHA: situa-se no Centro/Nova Friburgo, em ambiente rural, em assentamento do crédito fundiário, no segmento de Luta pela Terra. Através de Projeto Técnico, 48 famílias divididas em duas associações puderam acessar o Banco da Terra e adquirir sua propriedade, realizando atividades como acesso à terra, produção de olerícolas e acesso a outras políticas públicas. Em processo de associativismo ou cooperativismo, a técnica utilizada é a adubação, com metodologia de organização em mutirões e estratégia de comercialização em PAA e PNAE.

RECICLE SIRÍ - Reciclagem e Sustentabilidade: situa-se em Glória/Macaé, em ambiente urbano, em territórios tradicionais, no segmento de Luta pela Terra. Trata-se de uma empresa intermediadora de negócios voltados à reciclagem. A Sirí desenvolveu um aplicativo móvel para smartphones que conecta pessoas e empresas com pensamento sustentável e querem destinar corretamente os resíduos produzidos, e coletores (catadores) de material reciclável que realizam a triagem e separação para venda e geração de receita financeira para seu sustento e de sua família. Criaram uma interface onde os geradores de resíduos fazem o agendamento da coleta em sua própria residência, com base nos horários disponíveis para sua área/região. Após os agendamentos, o sistema Sirí cria rotas eficientes para que os catadores possam ter o maior resultado financeiro e ambiental, com menor custo de tempo e dinheiro. O sistema se torna mais vantajoso para cooperativas de coleta e separação de materiais recicláveis, pois, assim, todo o trabalho dos catadores é registra-

do no sistema, de forma a contribuir para uma melhor distribuição da renda e rastreabilidade da contribuição da cooperativa ao meio ambiente e à sociedade. Também é um sistema para prefeituras, empresas privadas de logística reversa e empresas que buscam investir em sustentabilidade em busca de “pagar” suas dívidas com o meio ambiente. Todos os agentes/usuários recebem mensalmente um relatório de sustentabilidade informando a contribuição real que é trazida para o meio ambiente através de suas ações. A técnica utilizada é a compostagem e a metodologia de organização consiste em oficinas, eventos e capacitação para escolas, empresas e moradores, com estratégia de comercialização de economia solidária, em processo organizativo de associativismo, cooperativismo, inclusão socioambiental e protagonismo Juvenil.

TERRA VERMELHA: está em São Pedro da Serra/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Arte, Educação e Cultura. As principais atividades são oficinas de arte e exposições, em que a artista plástica Beth Medeiros (fundadora do Terra Vermelha) utiliza tinta orgânica. Desde 2007, ela cria texturas próprias sobre tela, buscando valorizar as culturas indígena e africana. Em 2016 criou o Centro de Referência e partilha Saberes pelas Escolas, vivenciando a prática ancestral de pintura. As técnicas utilizadas são reciclagem/reaproveitamento e a estratégia de comercialização é de coparceiras.

VÓ DOLORES AÇAÍ DE JUÇARA: fica em Macaé de Cima/Nova Friburgo, em ambiente rural, em propriedade privada, no segmento de Luta pela Terra. As prin-

principais atividades são: colheita, despolpa, plantio, congelamento e venda; fabricação de adubo do substrato, envio de sementes para muda para a CEDAE. A colheita é feita a partir de propriedades de amigos, respeitando a sazonalidade. Um trabalho em rede de cooperação com outros sítios, utilizando-se de técnicas de agrofloresta, compostagem, adubação e com estratégia de comercialização de venda em feiras.

RODA DE CONVERSA

Mediação: Mestre Coelho – Professor e Mestre de Capoeira

Pamela Silva – Comunidade Fazenda Rio Grande

Paulo César Lourenço – Coletivo Negro Lélia González

Renata Lira – Quilombo Serra do Mar



A sexta edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIO-DIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado Rio de Janeiro, teve como tema “Luta pela Terra”. O encontro proporcionou a reunião de diferentes pes-

soas, grupos e iniciativas ligadas a lutas e movimentos sociais do campo, trazendo no mesmo local experiências de quilombos, do coletivo negro da região, de assentamentos e cooperativas populares de alimentos, de coleta seletiva, de educação popular, até de experiências de produção e comercialização de artesanatos, instrumentos musicais e produtos alimentícios beneficiados das espécies nativas da região.

A Roda de Conversa entre as iniciativas participantes surgiu mais uma vez como uma forma de promover o diálogo em torno dos três eixos temáticos principais, já citados nos relatos anteriores.

Para introduzir o debate, três iniciativas apresentaram seus trabalhos e trajetórias dentro da temática proposta: a “Comunidade Fazenda Rio Grande”, uma iniciativa de agricultura familiar que surgiu através da aquisição coletiva de terras por diferentes famílias junto a políticas públicas; o “Coletivo Negro Lélia Gonzales Nova Friburgo”, que – enquanto um coletivo antirracista, antimachista, anticapitalista, antiimperialista, anticolonialista e antifascista – busca apoiar a população vulnerabilizada da região de Nova Friburgo, e ocupar espaços públicos políticos para realizar denúncias relacionadas às explorações sofridas pela população negra da região; e a documentação realizada a respeito do quilombo de Casimiro de Abreu através do livro “Quilombo na Serra do Mar: a ousadia de lutar pela liberdade”.

A conversa percorreu, na maior parte do tempo, a temática da luta pela terra na Região Serrana do Rio de Janeiro, apontando para um componente central: a questão racial. Ao longo do encontro ficou cada vez mais evidente o grau de indissociabilidade entre ques-

tões que envolvem a luta pela terra e as questões raciais que atravessam a história do nosso país; foi evidenciado na fala dos participantes que o tema da reforma agrária caminha lado a lado com os diversos processos de exploração e expropriação sofridos pelas populações negras e indígenas, desde o período colonial.

Algumas reflexões ocorridas no início da Roda nos auxiliaram a visualizar esse contexto. Como apontaram algumas falas no encontro, boa parte da população do Rio de Janeiro é moradora de favelas, sendo que, dessa população, a maior parte das pessoas é negra. Junto a isso foi lembrado que esse cenário só pôde se formar dessa maneira, pois, após a escravidão, numa época em que quase metade da população de Nova Friburgo e mais da metade da população do Rio de Janeiro era composta por pessoas negras, não houve qualquer tipo de política de reforma agrária que pudesse colocar nas mãos das pessoas negras as terras em que elas trabalharam.

Somado às diversas perseguições e massacres registrados na história do país contra aldeias e quilombos, isso contribuiu para o surgimento do que hoje conhecemos como favelas. E, de lá para cá, apesar de muitos avanços conquistados pelos movimentos negros, ainda vivemos numa realidade de exploração na qual a elite dominante de nosso país continua tentando, de diversas maneiras, impor uma condição de subalternidade à população negra, num permanente exercício de racismo que se configura como estrutural. Daí, foi mencionada a importância de políticas afirmativas, como das cotas raciais em universidades, por exemplo, já que o acesso ao ambiente de produção de conhecimento científico tem um valor fundamental na disputa política pela terra.

Um aspecto importante mencionado foi o entendimento de que, seja no que diz respeito ao acesso à universidade, seja no que diz respeito ao acesso à terra, o acesso não é o suficiente. É preciso que existam também políticas que garantam a permanência no território, tanto para evitar que pessoas negras e de periferia saiam das escolas e universidades por falta de recursos financeiros para continuarem estudando, como para evitar que a juventude camponesa saia de seu território por conta de uma condição de vida precária no campo.

Para os participantes, a luta pela terra, então, é a luta para se acessar a terra e para permanecer nela; assim, trata-se de uma luta por políticas públicas integradas que possam, de alguma forma, possibilitar a sucessão de diferentes gerações num mesmo território.

Mais uma vez, foram pontuadas as questões também mencionadas nas Rodas de Conversas anteriores, sobre haver processos produtivos no campo que possam também contribuir para a biodiversidade do território, e a valorização das comunidades tradicionais como uma referência nesse processo, por conta de seus modos de vida profundamente conectados de forma recíproca com seus ecossistemas. Assim, foi ressaltada como de suma importância que haja políticas públicas atentas ao fortalecimento dos povos originários e dos modos de vida comunitários.

Pontuou-se também a necessidade de que as experiências inspiradoras sejam divulgadas e compartilhadas com a população geral, de modo que as pessoas saibam a importância que têm as aldeias, os quilombos, e a agricultura familiar, por exemplo, para toda a

nossa população, seja no que diz respeito aos alimentos produzidos que ocupam a maior parte da mesa do povo brasileiro, seja no que se refere aos modos de vida que contribuem com a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas. Voltar a atenção para a produção e o consumo local foi considerada uma estratégia interessante para fortalecer as iniciativas locais que estão resistindo na luta por seus territórios.

Um exemplo trazido foi a CSA (Comunidade que Sustenta Agricultura), ou outras iniciativas de movimentos sociais como o MST, que também buscam fazer a aproximação entre cidade e campo. Segundo o que foi trazido no encontro, em meio a essas aproximações, é possível observar um processo de socialização no campo que, através de mutirões e festividades, podem fortalecer vínculos comunitários e, conseqüentemente, o próprio território.

Como síntese, a partir do que foi trazido ao longo da Roda de Conversa, podemos dizer que um dos aspectos que mais caracteriza a formação político-territorial do Brasil é o conflito pela terra. Segundo um dos representantes do coletivo negro presente, falar de reparação histórica da escravidão é falar de acesso à terra, e de tudo que precisa vir junto para garantir uma permanência na terra de qualidade, como poder político, econômico, arte, educação e cultura. Sem essas dimensões, talvez, qualquer reparação seria meramente paliativa. Do mesmo modo que sem incluir a dimensão racial como uma questão central, qualquer tentativa de reforma agrária em nosso país seria também insuficiente.



No encerramento, a produção do evento agradeceu aos agentes protagonistas envolvidos nas atividades promovidas durante as seis edições da 1ª Mostra da Socioagrobiodiversidade.

Para esta publicação, as iniciativas foram mobilizadas, diversas vezes, de forma presencial e por ferramentas de comunicação eletrônica, no sentido do preenchimento dos formulários de informações sobre as atividades. Alguns interlocutores não conseguiram retornar a este processo, o que faz com que algumas poucas iniciativas não tenham aqui seus registros de caracterização.

SOCIOAGROBIODIVERSIDADE: pistas para o fortalecimento das iniciativas

As atividades desenvolvidas no contexto da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE colocaram em evidência a importância de um amplo processo de reconhecimento e promoção das iniciativas que, de diversas formas, buscam contribuir para a SOCIOAGROBIODIVERSIDADE na região abrangida por este projeto.

Nesse sentido, os debates estabelecidos ao longo das seis Rodas de Conversa, envolvendo pessoas compromissadas com práticas que avançam no sentido do reconhecimento e promoção das iniciativas neste projeto, apontam para ações que possam ser desenvolvidas nesse sentido, sendo algumas destas:

- Atividades que possam contribuir para a integração entre agricultores convencionais e agroecológicos da região, visando a ampliação de conhecimentos sobre as práticas agroecológicas;
- Incentivo para a criação de iniciativas autogestionadas e locais – como feiras, cooperativas e associações;

- Melhoria das estradas e acessos à zona rural, para facilitar o escoamento de produções agroecológicas;
- Implementação de espaços que possam fortalecer processos de comercialização justa;
- Existência de locais de facilitação de comercialização de produtos socioagrobiodiversos como feiras e lojas solidárias;
- Criação e fortalecimento de circuitos de socioagroturismo;
- Fortalecimento de calendário de eventos com temática socioambiental;
- Incentivo à reciclagem e criação de postos de coleta de resíduos;
- Políticas públicas de promoção de orientação técnica; linha de crédito para o pequeno empreendedor; incentivos fiscais e gestão pública de resíduos orgânicos;

OFICINAS SOCIOEDUCATIVAS

A 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE de Nova Friburgo, Região Serrana do Estado Rio de Janeiro, também proporcionou atividades de capacitação socioeducativa e/ou vivencial, com base nas temáticas elencadas, e conforme metodologia sugerida por cada oficineiro(a), de acordo com a temática do dia. O propósito das atividades gratuitas foi gerar formação e conhecimento sobre o tema de interesse do(a) inscrito(a).

1ª Edição Temática:
Agroecologia e Orgânicos
Alimentação Viva
Esteban B. Magrini



2ª Edição Temática:
Plantas aromáticas e Ervas medicinais
A Medicina do Quintal
Jane Mattos Amaral



3ª Edição Temática:
Arte, Educação e Cultura
Experiências de Educação Patrimonial
em territórios rurais – vivência interativa
Silvia Araújo e Luiza Borba
Tesouros da Terra



4ª Edição Temática:
Alimento e Saúde
Biodiversidade na agricultura
Clarissa Taguchi PANCs Brasil



5ª Edição Temática:
Paisagens, Águas e Florestas
Fotografias de natureza, botânica e paisagens"
Jalmirez Silva, Jorge Gastin e Rodrigo Freitas



6ª Edição Temática:
Luta pela Terra
Bonecas Abayomi: vínculos ancestrais
através da cultura preta
Luana de Oliveira



EXPRESSÕES CULTURAIS

Ao encerramento de cada edição temática da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIODIVERSIDADE de Nova Friburgo, tivemos apresentações artísticas que expressaram valores, identidade e multiculturalismo sincrético, aspectos formadores da diversidade sociocultural presente nas manifestações populares brasileiras.

1ª Edição Temática:

Agroecologia e Orgânicos

Brincadeira do Boi de Luz (As Mãos de Luz)

Maria Cristina de Moraes e Equipe



2ª Edição Temática:

Plantas aromáticas e Ervas medicinais

Folia de Reis Mirim Pena de Ouro

Nilza Gonçalves e Equipe



3ª Edição Temática:

Arte, Educação e Cultura

Cortejo percussivo Baque Rebaque das Montanhas
(Maracatu) e Odu Axé (Dança Afro)

Emerson Santana e Moara Ananindeua



4ª Edição Temática:

Alimento e Saúde

Canção da Terra (repertório brasileiro,
explorando a relação orgânica do som
meio ambiente e ser humano,
e o seu lugar no mundo)

Inês Assumpção e Miguel Bevilacqua



5ª Edição Temática:
Paisagens, Águas e Florestas
Concerto Meditativo "Encantos da Mata"
Cássio Campos e Alan Ramos



6ª Edição Temática:
Luta pela Terra
Jongo - Ao som do meu tambor
Fabiano Silva e grupo



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

A cada edição da 1ª MOSTRA DA SOCIOAGROBIO-DIVERSIDADE de Nova Friburgo, tivemos a oportunidade de apresentar ao público imagens de aspectos etnográficos e/ou etnoecológicos de povos e saberes de montanha, registros de fauna, flora, paisagens, astrofotografia etc.



1ª Edição Temática:

Agroecologia e Orgânicos

Fotógrafos e/ou Acervos: Alê Rifan, Carpe Projetos Socioambientais, Juliana Venturelli, Orgânicos Miller, Organokits Práticas Sustentáveis, Projeto Takakurando, Sergio Siciliano e TAL Permacultura.

2ª Edição Temática:

Plantas aromáticas e Ervas medicinais

Fotógrafos e/ou Acervos: Alê Rifan, Anderson Möller,

Cheiro de Deus, Entrefolhas, Coletivo Grãos de Luz, Magueutika, Mãos de Luz, Marcelo da Graça, Maria Luiza Campos, Redefitovida Serrana, Sítio Acotirene, Sítio Recreio e Terra Yporã.

3ª Edição Temática:

Arte, Educação e Cultura

Fotógrafos e/ou Acervos: Alê Rifan, Marcella Azal, Marcelo da Graça, Patrick Nogueira, Pedro Kiua e Regina Lo Bianco.

4ª Edição Temática:

Alimento e Saúde

Fotógrafos e/ou Acervos: Adriana Campos, Alê Rifan, Anderson Möller, Carlos Zaldini, Clarissa Taguchi, Marcelo da Graça, Projeto Compostonautas, Regina Lo Bianco e Roberta Stutz.

5ª Edição Temática:

Paisagens, Águas e Florestas

Fotógrafos e/ou Acervos: Alê Rifan, Jalmirez Silva, Jorge Gastin, Juran Santos, Leandro Vitorino, Marcelo da Graça, Marcello Medeiros e Rodrigo Freitas.

6ª Edição Temática:

Luta pela Terra

Fotógrafos e/ou Acervos: Alê Rifan, Deise Mello, Fabiano de Oliveira, Lauriene Klein e Manoel Espedito Silva.

BASTIDORES



Erika Amaral (Assessora de Imprensa da Mostra)
e Gilvan Costa (Jornalista)



Obra do artista Márcio Arqueiro, confeccionada com linhas,
para compor a identidade visual da Mostra



Alessandro Rifan (Consultor), Beto Grillo (Auxiliar de
Produção) e Scheila Santiago (Produtora Executiva)



O trabalho de muralismo foi feito por Robson Sark



Usina Cultural ENERGISA, espaço que abriu suas portas para a 1ª Mostra da Socioagrobiodiversidade



Em todas as edições, foram oferecidos lanches aos colaboradore(as), com produtos de Nova Friburgo e região, sendo alguns deles preparados por expositores da Feira Biocultural



Alessandro Rifan (Consultor)



Entrada lateral da Usina Cultural ENERGISA NF, onde foi realizada a Feira Biocultural em cada edição



Márcia Lobosco (Consultora para Publicação Impressa)



Scheila Santiago (Produção Executiva da Mostra) e Philippe Oliveira (Gestão da Usina Cultural ENERGISA NF)



Carlos Alberto Grillo Miele (Beto Grillo)
Auxiliar de Produção



Mariana Pietrobon (Gestora da Usina Cultural ENERGISA NF), Delania A. Cavalcante (Coordenadora de Investimento Social da ENERGISA e responsável pela FCOJB) e Scheila Santiago (Produtora Executiva da Mostra)

FICHA TÉCNICA

Scheila Santiago
Proponente – Produção Executiva e Gestão

Alessandro Rifan
Consultoria e Coordenação

Márcia Lobosco
Consultoria para Publicação Impressa

Erika Amaral
Assessoria de Imprensa e Redes Sociais

Regina Lo Bianco
Cobertura Fotográfica

Beto Grillo
Auxiliar de Produção

Wellington Wanderosfky
Arte Gráfica

Alan Cintra Prascidelli (Aya Nala) e Gustavo Melo
Relatoria e Redação das Rodas de Conversa

Colaboradores Extensionistas:
Gustavo Melo – Professor do Instituto de Psicologia e Programa EICOS de Pós-graduação – (Coord. Programa Saberes e Ocupações Tradicionais)

Alan Cintra Prascidelli (Aya Nala)
Pesquisador (Programa EICOS de Pós-graduação)

Henrique de Araújo Jesus Abreu, Laís Cecchini Romeiro e Yuri Affonso Marques Correa
Estudantes extensionistas de graduação

Françoise Lengruher (Kiki)
Apoio à Pesquisa

Agradecimento:
Philippe Oliveira e Mariana Pietrobon (Usina Cultural – Nova Friburgo/RJ)

**ESTE LIVRO NÃO PODE SER COMERCIALIZADO.
O CONTEÚDO ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NOS
ENDEREÇOS:**

<https://mostrasocioagrobiodiversidade.blogspot.com/>
<https://www.inmediaries.com.br/>

REDES SOCIAIS:

Facebook @socioagrobiodiversidade.nf
Instagram @socioagrobiodiversidade_nf



Para conhecer outros
lançamentos, visite o site:
www.inmediaries.com.br

